

HT-22

**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE**

**FACULDADE DE LETRAS**

**INFLUÊNCIA ISLÂMICA NO LITORAL DE CABO  
DELGADO: *o caso da educação Islâmica na Ilha do Ibo***

**“Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos  
exigidos para a obtenção do grau de licenciatura da Universidade  
Eduardo Mondlane”**

António Daniel

Maputo, 1995

37:297(679)

D 185 i

dp

F. LETRAS U. E. M.

R. E. 24309

DATA 5 / Outubro / 1995

AQUISIÇÃO *de*

COTA HT-22



### Declaração

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada na sua essência, para a obtenção de qualquer grau acadêmico e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes que utilizei.

Dedicatória

À memória da minha mãe

Às minhas filhas

### AGRADECIMENTOS

O nosso agradecimento especial vai para todo o pessoal do Arquivo do Património Cultural(ARPAC), especialmente ao seu Director-Geral Renato Matusse, pelo apoio financeiro, material e moral para a realização deste trabalho.

Gostaríamos de exprimir ainda um sincero agradecimento ao Dr. Rafael da Conceição, ao Dr. Aurélio Rocha e ao Dr. António Sopa, que com o seu saber e experiência orientaram a realização deste trabalho em todos os seus aspectos.

No Ibo, o nosso reconhecimento vai para o Director distrital da cultura senhor Marcelino Laba e ao representante do Conselho Islâmico na ilha, senhor Sadiqui Amisse Jangar, que se responsabilizaram pelos contactos com os nossos informadores e nos acompanharam até zonas muito distantes.

Os nossos agradecimentos são extensivos às amigas e amigos que directa ou indirectamente contribuíram para a realização deste trabalho.

## SUMÁRIO

O presente trabalho tem por título "A INFLUÊNCIA ISLÂMICA NO LITORAL DE CABO DELGADO: o caso da educação islâmica na ilha do Ibo". Tem por objectivo principal dar algumas bases para a compreensão do processo de educação islâmica nas madraças, nas Mesquitas e a sua influência nos ritos de iniciação e nos casamentos nesta comunidade.

Este trabalho está dividido em cinco capítulos. No capítulo, introdutório são apresentados os objectivos, a justificação e a metodologia utilizada.

O segundo capítulo apresenta alguns aspectos geográficos e humanos da região em geral e da ilha do Ibo em particular. No terceiro capítulo abordam-se as questões económicas gerais.

A apresentação histórica é feita no quarto capítulo, através da análise dos aspectos históricos relacionados com a presença islâmica na Costa Oriental de África e em particular na costa Moçambicana.

O quinto e último capítulo analisa a influência islâmica nos ritos de iniciação e nos casamentos. Aqui pretende-se apenas apresentar alguns aspectos da influência islâmica nestes dois processos.

## INDICE

AGRADECIMENTOS

SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO I:</b>	<b>Pág</b>
INTRODUÇÃO.....	1
1. Justificação.....	5
2. Metodologia.....	6
<b>CAPÍTULO II: ASPECTOS GEOGRAFICOS E HUMANOS DA ILHA DO IBO</b>	
1. Aspectos geográficos da ilha.....	11
2. Características geográficas da costa oriental da África e do Oceano Índico.....	14
3. Aspectos gerais sobre a população da ilha.....	15
<b>CAPÍTULO III: ASPECTOS SÓCIO-ECONÓMICOS</b>	
1. Descrição das principais actividades económicas da ilha	
1.1. A pesca.....	20
1.2. O papel da agricultura.....	21
1.3. Pecuária.....	22
1.4. Comércio.....	23
1.5. Outras actividades de importância económica....	28
2. Equipamentos sociais.....	29
<b>CAPÍTULO IV: ASPECTOS HISTÓRICOS</b>	
1. Expansão do Islamismo na costa oriental da África.....	30
2. A presença islâmica na costa norte de Moçambique.	38
3. O impacto das Mesquitas no processo da difusão do Islamismo e o papel educativo das Madraças....	42
3.1. História da criação das Mesquitas na ilha.....	42
3.2. Organização interna das mesquitas.....	44

3.3. O relacionamento entre elas.....	45
2.4. O papel educativo das Madraças.....	48

**CAPÍTULO V: INFLUÊNCIA ISLÂMICA NOS RITOS DE INICIAÇÃO E NOS CASAMENTOS**

1. Ritos de iniciação	
1.1. Entre os rapazes.....	50
1.1.1. Preparação.....	51
1.1.2. A circuncisão.....	54
1.1.3. Importância da circuncisão.....	58
1.1.4. O papel dos ritos de iniciação na educação dos rapazes.....	59
1.2. Um olhar sobre os ritos de iniciação entre as raparigas no norte de Moçambique.....	60
2. O casamento.....	64
2.1. "EHARUSI".....	64
2.2. "NIKHAI".....	66
2.3. A vida de casados.....	68
2.4. Direitos e deveres dos conjugês.....	69
2.4.1. Direitos	
2.4.2. Deveres	
2.5. O divórcio.....	70
2.5.1. A divisão de bens em casos de divórcio por adultério da mulher	
2.5.2. A divisão de bens em casos de divórcio por esterilidade de um dos elementos do cônjuges	
3. CONCLUSÕES.....	73
4. Bibliografia	
<b>Anexos</b>	
Anexo i.....	I-VIII
Anexo ii.....	1-4

## CAPITULO I

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como título " A INFLUÊNCIA ISLÂMICA NO LITORAL DE CABO DELGADO: o caso da educação islâmica na Ilha do Ibo."

Por educação islâmica queremos referir-nos a todas as formas de influência da religião islâmica nos diferentes aspectos da vida da comunidade muçulmana do Ibo.

Este trabalho comporta cinco capítulos, nomeadamente: o capítulo introdutório, o capítulo referente aos aspectos geográficos e humanos, o terceiro relativo aos aspectos sócio-económicos da ilha, o quarto capítulo aborda os aspectos históricos e o quinto e último debruça-se sobre a influência islâmica nos ritos de iniciação e nos casamentos.

A ilha do Ibo faz parte do arquipélago das Quirimbas que se estende junto a costa Oriental de Africa, numa extensão de cento e dez (110) milhas marítimas. A ilha está situada a 40 milhas da cidade capital de Cabo Delgado, Pemba.

No que diz respeito aos aspectos humanos, depois de uma panorâmica do passado, faremos uma abordagem da época mais recente.

A ilha foi desde tempos remotos palco de interpenetrações culturais de povos de diferentes proveniências. São de salientar as presenças de persas, árabes, indianos, portugueses, sem esquecer também os franceses e os ingleses.

Destas interpenetrações resultou o surgimento na costa moçambicana de uma comunidade que se assemelha às outras comunidades do litoral. Por esta razão, a população da ilha está



longe de ser homogênea. Por último encontramos populações provenientes de diferentes pontos do país, como resultado da guerra.

Actualmente, e de acordo com dados estatísticos de 1988 a ilha possui quatro bairros e com cerca de 2.750 habitantes<sup>1</sup>. A população nativa da ilha é do grupo linguístico "Muani"<sup>2</sup>.

A economia da ilha está baseada na pesca e no comércio. Desde tempos remotos que a população da ilha tem na pesca a sua principal actividade de subsistência.

O comércio é também uma das actividades mais antigas e caracterizava-se por ser de mercadorias e de tráfico de escravos.

A posição geográfica da ilha favorecia o tráfico de escravos a partir do seu porto. Esta actividade, por ser muito rentável na época<sup>3</sup>, continuou a ser praticada por mouros e alguns administradores portugueses mesmo após a introdução das medidas de abolição.

Paralelamente a estas duas actividades, também se praticam na ilha a agricultura, a ourivesaria, e a criação de animais de pequeno porte.

---

<sup>1</sup> Entrevista com Administrador Distrital em Janeiro de 1994.

<sup>2</sup> Os "Muani" são um grupo populacional resultante dos contactos estabelecidos em tempos remotos entre os povos islamizados e falantes da língua suahili da Costa Oriental de África com os povos Macuas que habitavam a costa norte de Moçambique.

<sup>3</sup> Para mais informações veja em: CAPELA, José e MEDEIROS, Eduardo. O tráfico de escravos de Moçambique para as ilhas do Índico, 1720/1902, Maputo: Departamento de História da Universidade Eduardo Mondlane<sup>3</sup> Entrevista com Administrador Distrital em Janeiro de 1994.

No quarto capítulo traçamos um quadro histórico das origens do Islamismo, sua expansão pelo mundo e pela África Oriental. Nele analisamos o papel que as mesquitas desempenham na difusão da religião e o impacto que tal difusão tem na transformação mental da população.

É de referir que a mesquita, além de ser um lugar de culto, é também um centro de transmissão de valores sócio-culturais. Na mesquita se fazem conhecer as normas por que se rege a comunidade, e se discutem os seus problemas e conflitos.

O aparecimento de mesquitas na ilha está directamente relacionado com a própria expansão da religião islâmica. Na ilha existem cerca de 12 mesquitas das quais duas são exclusivamente para mulheres, localmente conhecidas por "Mussuhaburi".

Analisamos ainda o papel educativo das madraças nesta comunidade. As madraças são escolas islâmicas onde, para além de se ensinar os princípios da religião muçulmana, também se prepara a criança para a sua integração na comunidade islâmica.

No quinto e último capítulo, debruçamo-nos sobre a influência islâmica nos ritos de iniciação e nos casamentos. De acordo com o pensamento de Martinez, " Os ritos de iniciação são em primeiro lugar ritos de separação com os quais o indivíduo abandona o seu anterior estado social, a infância; em segundo lugar são ritos pelos quais o indivíduo vive uma particular transformação física e social; em terceiro lugar são ritos de incorporação na situação normal da sociedade"<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Martinez, Francisco Lerma. Lisboa: Instituto de Investigação Tropical, 1989 p.111

Na comunidade "muani" os ritos de iniciação também têm estas três vertentes. Determinam e condicionam a vida sócio-cultural das pessoas.

Só após os ritos de iniciação é que os rapazes e as raparigas são considerados adultos e passam a gozar de certos direitos na comunidade, tais como, a participação activa na vida religiosa, o direito ao casamento e a participação em cerimónias fúnebres.

Todo o processo ritual está inserido na dinâmica da religião islâmica. A base dos ritos de iniciação entre os rapazes é a circuncisão, que na óptica dos nossos entrevistados é um símbolo de índole religiosa, uma vez que o profeta Maomé tinha sido circuncisado.

Os ritos de iniciação entre as raparigas "têm por fim desvendar à jovem os mistérios da vida sexual, da maternidade e actividades ligadas a manutenção da futura próle, como práticas agrícolas, confecção de alimentos e bebidas, fabrico de utensilhagem de barro, ao mesmo tempo que se lhe ministram ensinamentos sobre regras sociais, abstinência, jejum e ritualismo mágico a que deve recorrer em determinados momentos, em certas circunstâncias"<sup>5</sup>.

O casamento por seu turno, é também regido pelas leis e preceitos da religião islâmica e a sua base é o "mahari" e o "harusi". O "mahari" é uma espécie de pagamento por parte do pretendente e simboliza um compromisso para um futuro casamento e o "harusi" é a prova de virgindade das raparigas a qual joga um papel muito importante para a coesão matrimonial<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> Foi retirado dum texto da autoria de Eduardo Medeiros.

<sup>6</sup> O mahari é praticado pela maioria da população da costa de Cabo Delgado e consiste no pagamento de uma importância

A importância do "harussi " resume-se em três aspectos:

- orgulho dos pais quando até ao dia do casamento a filha permanece virgem até ao casamento o que é sinal de respeito e boa educação da rapariga;
- orgulho e confiança do homem em relação a rapariga por saber que ele será o primeiro a manter relações sexuais com ela;
- um acto rentável para os pais porque o pretendente paga aos pais da rapariga uma elevada soma em dinheiro.

### 1. Justificação

São poucos os estudos desta natureza já realizados e que abordem aspectos específicos desta comunidade. A maior parte dos estudos são referentes à região da costa swahili até ao antigo Tanganica (actualmente Tanzania). Por esta razão, o presente trabalho surge, não somente como uma das respostas à falta de fontes de informação de natureza sócio-cultural e sobretudo de natureza antropológica ligada à esta área específica, mas também como contributo para que estudos sócio-antropológicos sejam realizados futuramente por forma a conhecer-se a realidade cultural desta comunidade.

---

monetária aos pais da rapariga pelo pretendente. O "harusi" também é praticado entre a população islamizada desta costa e significa que é uma garantia de virgindade que de certo modo prova que a rapariga nunca teve relações sexuais antes, se não no dia do seu casamento.

Pensamos que com este estudo, poderemos contribuir para o conhecimento de alguns dos aspectos sócio-culturais da comunidade "Muani" do Ibo. Pretendemos também contribuir para o sucesso de alguns programas e projectos de desenvolvimento social, em particular do Ministério da Educação e de algumas instituições não-governamentais principalmente organizações religiosas, a saber o Conselho Islâmico, o Congresso Islâmico, a Comunidade Islâmica, etc.

Nesta ordem de ideias, estamos convencidos de que o desenvolvimento sócio-económico do país passa necessariamente pelo reconhecimento das especificidades culturais de cada grupo social ou de cada comunidade.

## **2. Metodologia e Fontes**

No princípio do estudo dedicamo-nos essencialmente na recolha de documentação escrita geral e específica.

Em seguida o estudo foi dirigido essencialmente ao trabalho de campo. Foi elaborado um guião flexível (com perguntas abertas) para a recolha de informações específicas e pertinentes para o tema.

O método de recolha de informação no terreno foi basicamente o de entrevistas com entidades oficiais distritais, nomeadamente: administrador do distrito, director distrital da cultura, representante do Conselho islâmico no Ibo, elementos do Núcleo de estudo da língua Kimwani, o primeiro secretário distrital do partido Frelimo.

Estes contactos oficiais visavam facilitar os nossos trabalhos junto das comunidades. E também, eram para obter informações gerais sobre o assunto, a recolha de dados administrativos e de experiências vividas na região.

Além das entrevistas com as entidades acima referidas, também realizámos entrevistas de maior profundidade com alguns dirigentes religiosos, algumas pessoas idosas e mestres de ritos de iniciação.

Estas entrevistas eram essencialmente, para junto deles, recolher informações relativas à religião islâmica, às modalidades de prática dos ritos de iniciação e dos casamentos.

A bibliografia constituiu uma das grandes dificuldades ao longo do trabalho. São escassos os estudos feitos especificamente sobre a região da costa moçambicana. A maior parte dos autores aborda os vários aspectos duma forma superficial.

Dos autores que nós consultamos há que considerar em primeiro lugar a obra de Gaspar Robert que dá um panorama geral da religião islâmica, desde a sua origem até a sua expansão.

Esta obra, de carácter histórico, considera que o processo da fundação do islamismo foi acompanhado de intensas lutas entre dinastias, entre os que queriam manter as antigas formas de culto, o animismo e os aderentes da nova religião. Estas lutas provocaram emigrações de certas dinastias e daí a conseqüente expansão da religião islâmica. Foram portanto, as migrações o pilar da presença islâmica na nossa costa<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Para mais informações consulte, GASPAR, Robert. Cristianismo/ Islamismo. Porto: Editorial perpétua socorro, 1991.

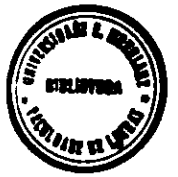
Um outro autor, E. Vilhena, aborda a temática da influência islâmica na costa oriental de África detalhando um pouco os seus aspectos mais profundos. Aborda questões como as modalidades da sua expansão para o interior de África e também os principais problemas surgidos devido à presença europeia em particular de portugueses, ingleses e alemães.

Vilhena considera a expansão islâmica um processo modular com momentos altos e baixos. Considera ainda que o domínio e a influência religiosa não tiveram características nitidamente muçulmanas nem árabes, uma vez que eram sucessivas as imigrações de islamitas de diferentes seitas e proveniências<sup>8</sup>.

Segundo o mesmo autor, a influência islâmica nesta região teve três períodos distintos: "o primeiro vai desde o século VIII até o século XV e é caracterizado por um domínio territorial ao longo da costa, sobretudo nas ilhas; por lutas constantes entre as cidades e os indígenas das terras firmes; pela larga difusão do islamismo 'adulterado'. O segundo período é marcado pela chegada dos portugueses na costa Oriental de África no século XV. Este período é descrito como sendo o período da decadência da influência islâmica, em particular na costa moçambicana, devido à presença dos portugueses na Ilha de Moçambique e nas Ilhas Quirimba. O terceiro período começa aproximadamente no século XIX e é considerado o período de glória para a influência islâmica, isto em parte se deve ao fim do domínio português na África Oriental ao norte de Cabo Delgado depois que Portugal perdeu Mombaça. Há um redobramento do domínio árabe no Golfo Pérsico, ocupam importantes pontos no interior, estabelecem-se

---

<sup>8</sup> Vilhena, Ernesto Jardim. " A influência islâmica na Costa oriental d,África" in: Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, Lisboa, 24<sup>a</sup>. série,nº.5, 1906, p.21.



na região de Usagara, e ainda muitos outros pontos no interior"<sup>9</sup>.

O padre Gonçalves faz uma abordagem muito sintética sobre a presença islâmica na costa Oriental de Africa. Este considera que existem no mundo cerca de "350.000.000 a 400.000.000 muçulmanos dos quais cerca de 12.000.000 são de origem árabe"<sup>10</sup>.

O mesmo autor argumenta que, como acontece noutras religiões, o Islamismo também sofreu grandes cisões que levaram à divisão do mundo islâmico em dois grandes blocos, nomeadamente o Ortodoxo e o Herético<sup>11</sup>.

São ortodoxos, os Sunitas que correspondem cerca de 90% dos muçulmanos espalhados pelo mundo.

O outro bloco, o herético, é constituído pelos Xiitas que são cerca de 8% de todos os muçulmanos<sup>12</sup>. Na óptica deste autor, a cisão não reside apenas no ponto de vista religioso, mas também no que diz respeito ao direito público<sup>13</sup>.

Durante as nossas pesquisas bibliográficas não conseguimos encontrar alguma fonte escrita que fale sobre as mesquitas e as madraças em Moçambique, esperamos localizar futuramente uma vez que a apresentação deste trabalho não significa o seu fim, mas

---

<sup>9</sup> cf. Vilhena, op.cit., p.22.

<sup>10</sup> GONÇALVES, José Júlio. O mundo Arabo-Islâmico e o Ultramar Portugues. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1958, p.25

<sup>11</sup> idem.

<sup>12</sup> cf. GONÇALVES, op.cit, p.30

<sup>13</sup> Segundo GONÇALVES, actualmente são conhecidas no mundo cerca de 73 seitas da religião islâmica.



sim o seu início<sup>14</sup>. As informações aqui apresentadas foram obtidas durante o trabalho de campo realizado em Janeiro de 1994.

Quanto ao capítulo referente à influência islâmica nos ritos de iniciação e nos casamentos, utilizamos várias fontes incluindo entrevistas dirigidas à algumas individualidades ligadas a estas práticas, nomeadamente **Negangas** (mestres da operação da circuncisão), velhos e velhas mais influentes na comunidade, religiosos em particular **Chehes**, homens e mulheres que tenham passado pelos ritos de iniciação.

Por escassez de fontes escritas específicas que falem dos ritos e iniciação e casamentos nesta região, utilizamos obras que abordam o tema referentes a regiões do interior da província de Cabo Delgado fazendo uma espécie de comparação com as poucas informações que tiramos com as informações obtidas durante o trabalho de campo.

Dos autores que consultamos há ainda a referir Martinez, que considera que na sociedade macua os ritos de iniciação têm três significados: são ritos de separação e de transformação da personalidade do indivíduo<sup>15</sup>. Este pensamento não foge muito daquilo que a população "muani" considera.

No que concerne ao casamento, são poucos os autores que o abordam duma maneira bem clara. Preferimos por isso usar os dados recolhidos no campo.

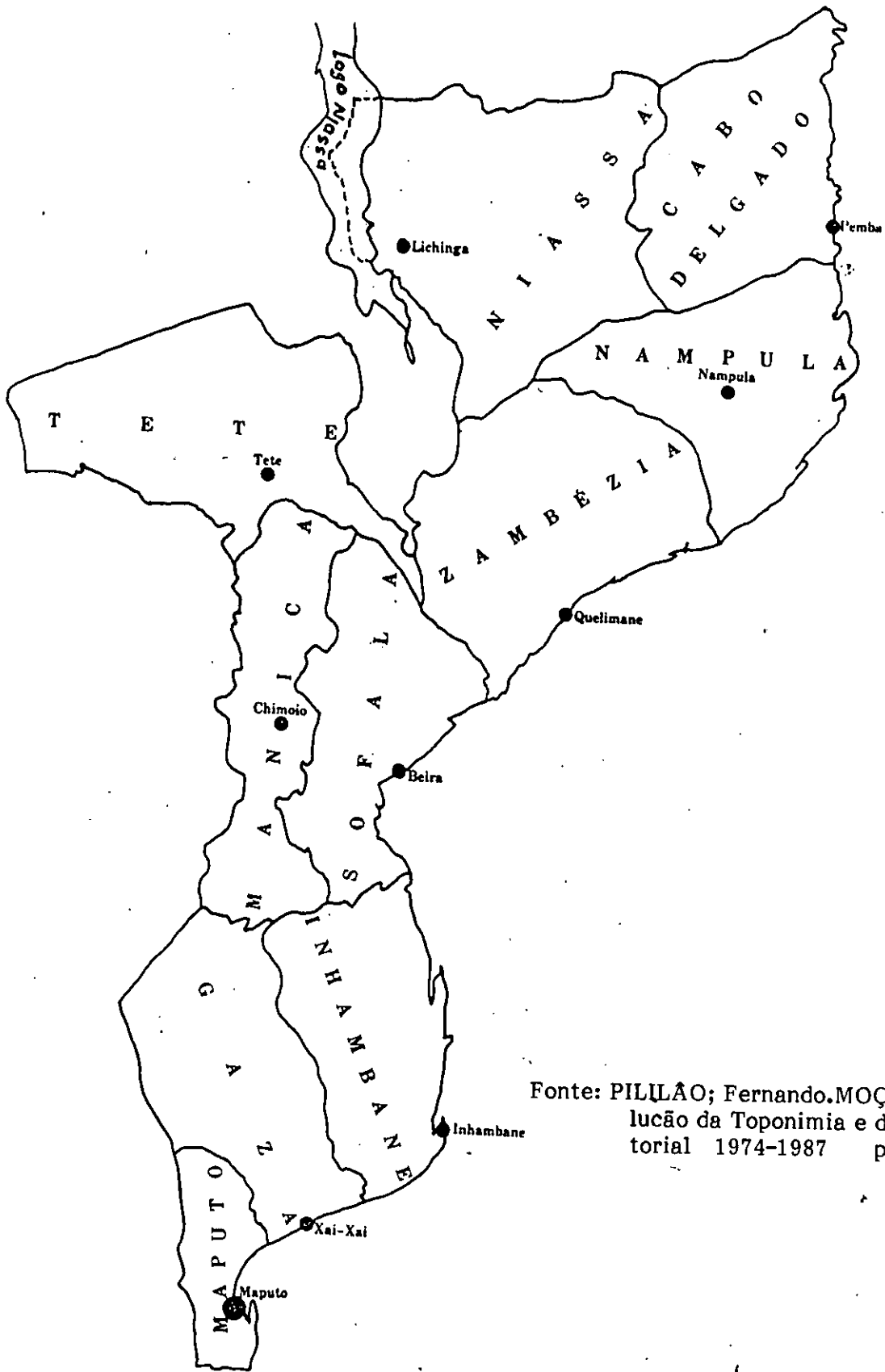
---

<sup>14</sup> Fizemos um levantamento bibliográfico na biblioteca do Ibo que se localiza no edifício onde funciona o Comité distrital do Partido Frelimo, mas não encontramos alguma obra que aborde este assunto. Os livros que nós encontramos são da época colonial.

<sup>15</sup> MARTINEZ, op. cit., p.111

MAPA I

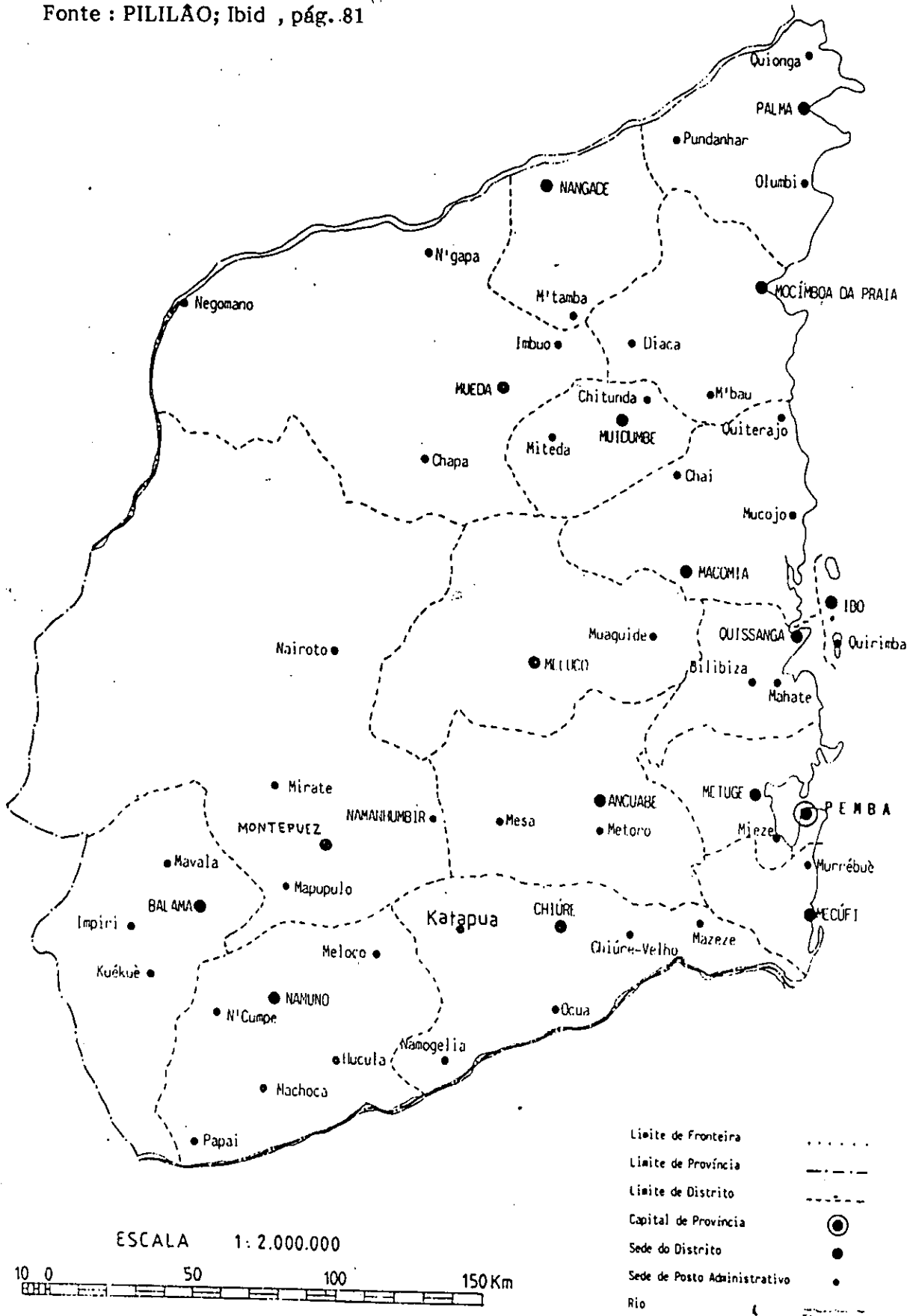
REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE



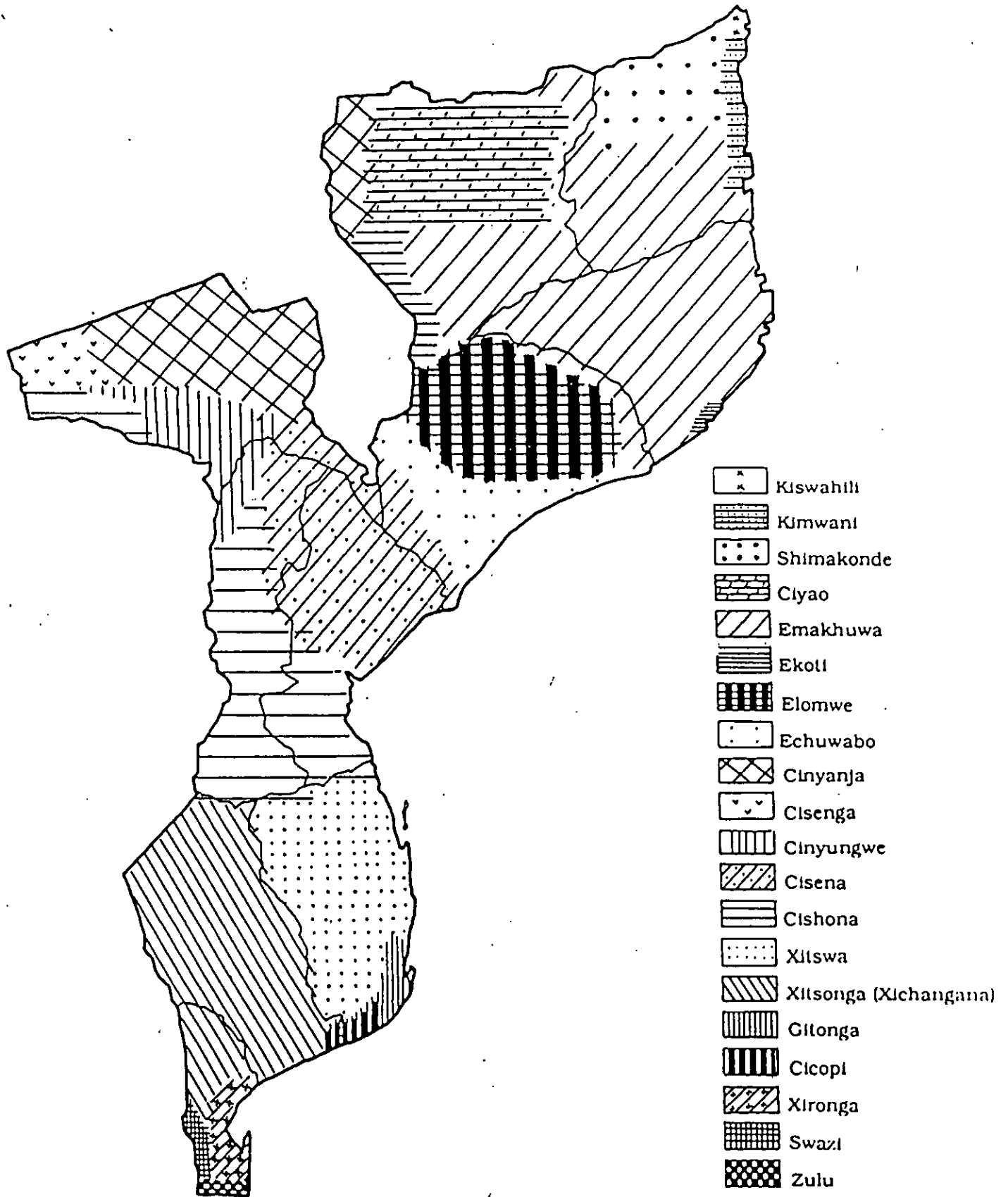
Fonte: PILILÃO; Fernando. MOÇambique: Evolução da Toponímia e da Divisão Territorial 1974-1987 p.7.

# PROVINCIA DE CABO DELGADO

Fonte : PILILÃO; Ibid , pág. 81



MAPA LINGUÍSTICO DE MOÇAMBIQUE



in: I Seminário sobre a padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas, NELIMO: Faculdade de Letras, Edição INDE-UEM-NELIMO, Maputo 1989, p.8.

## CAPITULO II

### ASPECTOS GEOGRÁFICOS E HUMANOS DA ILHA DO IBO

Neste capítulo pretendemos dar uma imagem geral da Ilha do Ibo no que diz respeito aos aspectos geográfico e demográfico. Esta ilha fica situada na província de Cabo Delgado e faz parte do arquipélago das Quirimbas, também conhecido por ilhas de Cabo Delgado.

No mesmo capítulo fazemos uma referência aos aspectos humanos para darmos uma visão geral da população que desde séculos habitou a ilha.

A população da ilha não é homogénea, pois ela resultou de contactos havidos durante séculos entre povos islamizados falantes da língua swahili oriundos de Zanzibar, Quíloa, Mombaça e das ilhas Comores com a população macua que vivia ao longo da costa. Além disso, houve contactos com povos europeus nomeadamente portugueses, franceses, ingleses e alemães.

Como corolário destes cruzamentos, existem nesta costa comunidades culturalmente diferentes das outras comunidades do interior e com uma forma de subsistência baseada principalmente nas actividades pesqueira e comercial.

#### 1.1. Aspectos geográficos da ilha

A ilha do Ibo fica situada a norte da província de Cabo Delgado, a cerca de 40 milhas da cidade de Pemba e a 5 milhas do continente a norte da ilha de Quirimba e a sul de Matemo. Ela

tem 5x3.5 km<sup>2</sup> de área e é a segunda maior ilha do arquipélago. Esta ilha conforme já nos referimos na introdução faz parte do arquipélago de Cabo Delgado, conjunto de ilhas anteriormente designadas por arquipélago de Quirimba. Este arquipélago, é constituído de aproximadamente uma meia centena de ilhas e ilhotas segundo BENTO<sup>16</sup>. Ainda citando o mesmo autor, todas as ilhas são baixas, variando a sua altitude entre cerca de 4 e os 30 metros. Em termos geológicos estas ilhas são formadas por corais com recifes extensos e planos<sup>17</sup>.

No que toca ao clima da região, vamos apresentar dados relativos a todas ilhas uma vez que os dados que referem especificamente a ilha do Ibo são escassos<sup>18</sup>.

Esta região recebe influência directa dos ventos aliseos do Oceano Índico e também do regime periódico das monções. As ilhas recebem influência de duas monções, a de Nordeste e a de Sudoeste<sup>19</sup>.

Quanto ao regime pluviométrico, este é influenciado pelo regime das monções. Na comunidade Muani conhece-se duas grandes estações do ano: a chuvosa (KIRIMWE) e a seca (UNMALIAKA)<sup>20</sup>. Segundo Bento, as chuvas são irregulares. As quedas mensais rondam entre os 50 e 250 mm. Ainda de acordo com mesmo autor, sabe-se que entre 1970 e 1972 verificaram-se as seguintes

---

<sup>16</sup> BENTO, Carlos Lopes. As ilhas de Querimba ou de Cabo Delgado: situação colonial, resistência e mudanças (1742-1822). Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 1993, p.12.

<sup>17</sup> BENTO, citando Vilhena, p.13.

<sup>18</sup> Segundo Bento, o clima das ilhas de Quirimba é igual para todas elas; para além disso, dos dados que este autor apresenta a maior parte foi recolhida na vila do Ibo.

<sup>19</sup> BENTO, citando uma carta de 27/12/1753.

<sup>20</sup> BENTO, op.cit, p.19.

variações de pluviosidade<sup>21</sup> : em 1970, registaram-se 699.9 mm em 40 dias o que corresponde a uma média diária de 16.7 mm; em 1971 foram registados 929.4 mm em 60 dias correspondentes a uma média diária de 15.4 mm, e no ano de 1972 a precipitação foi de 621.6 mm em 56 dias ou seja uma média diária de 11.1 mm<sup>22</sup> .

Na estação chuvosa as temperaturas médias rondam aproximadamente os 28 graus e a humidade relativa é de 80%<sup>23</sup> .

Na estação seca, que acontece entre os meses de Maio e Novembro, as chuvas são fracas e quase inexistentes. A temperatura baixa numa média que ronda entre os 2 e 3 graus e geralmente são frequentes nevoeiros e as neblinas. O clima da região classifica-se como sendo tropical sub-humido e sujeito ao regime de monções<sup>24</sup> .

---

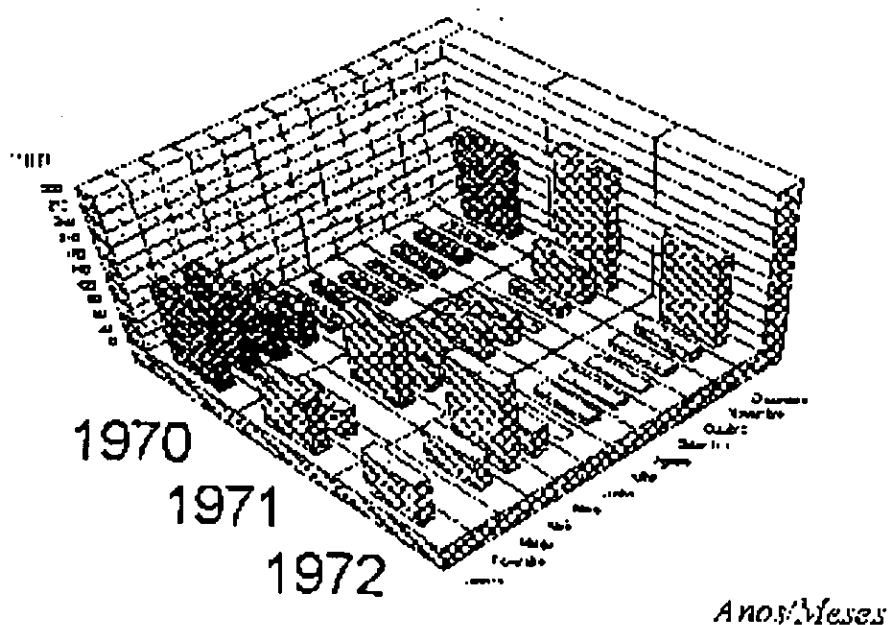
<sup>21</sup> Os dados pluviométricos apresentados por Bento foram recolhidos no posto pluviométrico do Ibo.

<sup>22</sup> BENTO, op.cit. p.19.

<sup>23</sup> cf. BENTO, op.cit., p.20.

<sup>24</sup> idem.

A figura mostra dados pluviométricos na estação do Ibo nos anos de 1970/72



Fonte: BENTO, op. cit. pág. 7

#### 1.2. Características geográficas da costa Oriental de África e do Oceano Índico.

Geograficamente a costa oriental de África é uma região bem distinta. Na parte Oeste encontramos uma faixa de vegetação arbustiva, denominada NHIKA. Esta vegetação, estende-se desde muito próximo da costa do Quênia e se alonga para o interior da Tanzânia<sup>25</sup>.

Segundo KIRK, existem três ambientes geográficos em torno da costa oriental da África até ao Sudeste Asiático : "a floresta de

<sup>25</sup> SHERIFF, Abdul.M. H. " A costa da África oriental e o seu papel no comércio marítimo". In: coordenador: Mokhtar, G; História geral da África II: África antiga, São Paulo: Ática, Paris: Unesco, 1983, p.568.



sudoeste que cobre as costas do Quênia, da Tanzânia, de Moçambique e de Madagascar; a região intermédia desértica que se estende do Chifre Somáli até a bacia do Indo; a floresta do sudeste que vai da Índia à Indonésia<sup>26</sup> .

A inversão sazonal dos ventos de monção é uma das características geográficas principais deste oceano. Durante o inverno boreal, a monção do nordeste sopra continuamente e certas vezes chega a atingir Zanzibar com uma intensidade decrescente. Esta circulação é reforçada pela corrente equatorial que, depois de atingir a costa somáli se dirige para o sul. Em Março, a monção de nordeste começa a declinar-se e ocorre mais cedo no sul. No mês de Abril, o vento reverte-se transformando-se em monção do sudoeste. Assim, a corrente equatorial atinge a costa próxima de Cabo Delgado e se divide em duas, uma muito forte que se dirige para o norte, facilitando a viagem nesta direcção e outra flui para o sul dificultando a saída do canal de Moçambique<sup>27</sup> .

## 2. Aspectos gerais sobre a população da ilha do Ibo

Por questões meramente comparativas, o quadro a seguir ilustra dados estatísticos referentes à população do distrito no ano de 1983.

---

<sup>26</sup> Kirk, citado por Sheriff, op.cit, p.570.

<sup>27</sup> SHERIFF, op.cit., p.570.

	Homens	Mulheres	Total
População presente*	2.734	3.067	5.801
População residente*	2.764	3.106	5.870
População presente e residente*	2.663	3.013	5.676

Fonte: Os distritos em numeros: Cabo delgado/ R.P.M: Conselho Coordenador do Recenseamento, 1983, p.5

- \* População presente durante o recenseamento
- \* População que no momento de recenseamento tinha fixado sua residência na ilha
- \* População presente e ao mesmo tempo residente na ilha no momento de recenseamento

Actualmente, a ilha é composta por quatro bairros nomeadamente, Rituto, Cumuamba, Cimento e Quirambo, com um total de 2.758 habitantes<sup>28</sup>.

---

<sup>28</sup> Dados fornecidos pelo Administrador do Distrito em Janeiro de 1994.

O quadro abaixo, mostra a distribuição numérica da população por bairro em 1994:

BAIRRO	Nº HABITANTES
Rituto	1.368
Cumuamba	826
Cimento	374
Quirambo	190
total	2.758

Fonte: dados recolhidos junto do administrador do distrito do Ibo em 1994<sup>29</sup>.

A maioria da população da ilha é Muani, mas existem outros grupos populacionais do continente, como são os casos de macuas e macondes que devido à guerra e outras razões de vária ordem, se estabeleceram na ilha.

É desde o primeiro milénio d.c que a Costa Oriental de África começou a ser frequentada por pangaios que navegavam para o sul, a partir da península arábica e do Golfo Pérsico na monção do nordeste para trocar artigos de cerâmica, tecidos e instrumentos de ferro por escravos africanos, marfim, ouro, cera, conchas e por perfumes regressando quando soprassem os ventos da monção de sudeste<sup>30</sup>.

---

<sup>29</sup> Estes dados não são oficiais uma vez que não foi uma entidade especializada que recolheu. Mas com isso não queremos dizer que não são confiáveis.

<sup>30</sup> NURSE, Derek and Thomas Spear. The swahili: Reconstructing the history and language of an african society, 800-1900. Philadelphia: University of Philadelphia, 1987, p.7.

Para a defesa dos seus interesses, alguns países europeus chegaram a estabelecer as suas agências consulares ou vice-consulados na ilha do Ibo. Estes países são nomeadamente a França em 1884; a Alemanha em 1901; a Espanha em 1903; a Bélgica em 1904; a Suécia e a Noruega e a Turquia?<sup>31</sup> .

Estes imigrantes em contacto com os povos locais, neste caso os "macua"<sup>32</sup> deram origem a um tipo de população com características sócio-culturais e económicas próprias, conhecida por "muani"

Em 1835, Sebastião Xavier Botelho fornecia os seguintes dados: cerca de 230 homens com idade maior de 18 anos; 55 de idade inferior a 18 anos e cerca de 260 mulheres e 64 raparigas menores, totalizando 609 habitantes. Destes, só os funcionários públicos é que eram católicos e os restantes eram gente sem lei ou de diversas crenças por ser uma mistura de cafres, mouros e árabes de diferentes castas<sup>33</sup> .

De acordo com os dados estatísticos fornecidos por Jerónimo<sup>34</sup> , em meados do século XIX aproximadamente no ano de 1852, a ilha do Ibo tinha cerca de 2.422 habitantes de ambos os sexos. E em 1858 a população rondava aos 5.390 habitantes<sup>35</sup>

---

<sup>31</sup> GERARD, Constantino; Algumas datas e factos acerca das ilhas de Quirimba, mais tarde designadas por ilhas de Cabo Delgado, s.l, s,d, p.24.

<sup>32</sup> Os macuas são Povos de origem Bantu que habitam a maior parte das Províncias do norte e uma pequena parte da Província do Zambézia

<sup>33</sup> PEREIRA, Luis Filipe. A criação da alfândega da ilha do Ibo e a contribuição das ilhas para o comércio e a vida de Moçambique no Século XVIII, 1970, p.13.

<sup>34</sup> PEREIRA, Luis Filipe, citando Jerónimo Romero, p.13.

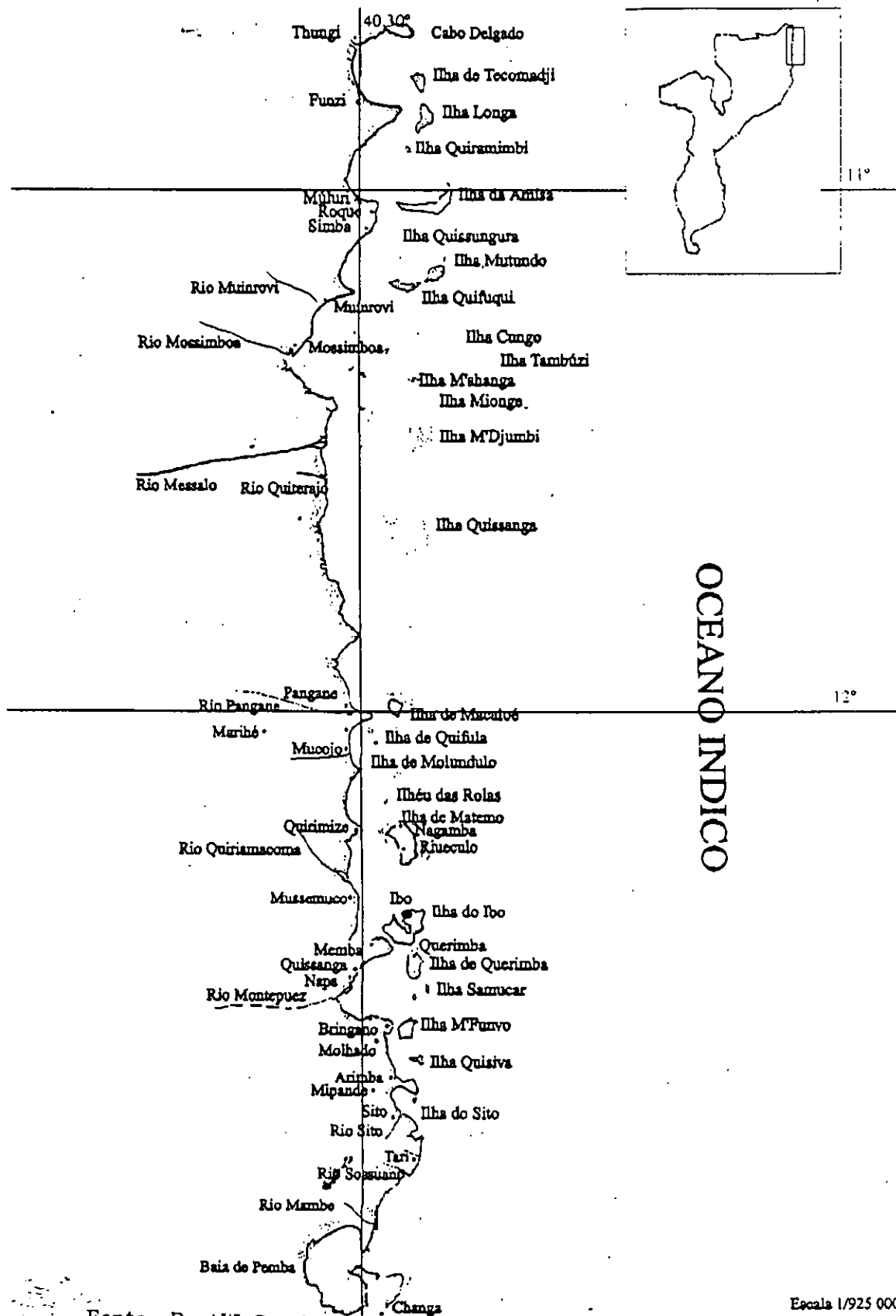
<sup>35</sup> ROMERO, citado por GERARD, Constantino. Algumas datas factos a cerca das ilhas de Quirimba, mais tarde designadas por ilhas de Cabo Delgado, p.15.



As características geográficas e humanas duma região influenciam de certo modo o tipo de actividades económicas realizadas nesta região: O capítulo a seguir debruça-se sobre os aspectos económicos.

MAPA iii

A direita vê-se Ilhas de Quirimba ou de Cabo Delgado



Fonte : Bentõç Op. Cit., p, 10.

Escala 1/925 000

## CAPITULO III

### ASPECTOS SÓCIO-ECONÓMICOS

A maioria da população deste litoral tem características de vida muito diferentes das comunidades do interior. A posição geográfica e a forte influência de várias culturas, as comunidades do litoral em geral foram obrigadas a ter um sistema económico próprio e que é uma das características fundamentais das zonas costeiras. Por essa razão, a principal actividade económica na ilha do Ibo é a pesca. E porque há bastante tempo foi envolvida nos circuitos comerciais internacionais, as trocas comerciais têm um grande peso. Ainda neste capítulo podemos salientar o comércio de mercadorias e o tráfico de escravos que ao longo dos anos caracterizou a costa nortenha.

Ao lado destas duas actividades económicas podemos referir-nos também à criação de animais como o gado bovino, o gado caprino e o ovino, para além da Ourivesaria que vem sendo uma prática secular.

#### 1. Descrição das principais actividades económicas da ilha

##### 1.1. A pesca

A principal actividade económica na ilha é a pesca. A maior parte da população vive e depende dela. Homens e mulheres praticam-na. As mulheres geralmente fazem a apanha de mariscos nas zonas entremarés, durante o período de maré vazia e captura

de polvo, enquanto que os homens praticam a pesca propriamente dita.

Uma fonte da Inspeção Ordinária ao Conselho do Ibo do Distrito de Cabo Delgado (1951-1961) indica que a pesca era a principal actividade económica. Esta actividade produzia cerca de 80 a 100 toneladas de peixe seco correspondente a 320 e 400 toneladas de peixe fresco<sup>36</sup>.

O peixe seco era vendido no interior do continente a um preço nunca inferior a 20#00 ou então era trocado por produtos alimentícios; aliás mesmo agora a troca ainda se faz.

Alguns comerciantes ambulantes têm levado peixe seco do Ibo para os distritos do interior com maior produção agrícola como são os casos de Montepuez; Namuno e Balama afim de trocá-lo por comida em tempos de maior escassez de comida na Ilha ou em períodos de "ramadan"<sup>37</sup>.

## 1.2. O papel da Agricultura

A agricultura é quase nula em virtude da natureza do solo, impróprio para a prática desta actividade. Segundo o então governador do distrito de Cabo Delgado, no ano de 1880 não

---

<sup>36</sup> Relatório da Inspeção Ordinária ao Conselho do Ibo do Distrito de Cabo Delgado (1951-1961).

<sup>37</sup> Os comerciantes ambulantes da zona do litoral desta região tem feito a troca de peixe seco com productos de maior consumo como o milho, a mandioca seca, a mapira, o arroz, os feijões e esta prática é muito frequente na região das ilhas e nas zonas como Quissanga, Metuge, Mecufi. O maior afluxo tem sido no tempo de fome principalmente nos meses de Janeiro, Fevereiro e Março ou nos meses de ramadan.



existiam na ilha culturas verdadeiramente senão algumas hortas e plantações de coqueiros<sup>38</sup>.

Os produtos como a mapira, o milho a mandioca e o feijão eram algumas vezes adquiridos nas vizinhas circunscrições de Quissanga e Macomia. Em tempos, a ilha produzia o café mas em pequenas quantidades. Actualmente algumas famílias vão praticar a agricultura nas zonas do continente como por ex: em Mussimuco e Indegane.

### 1.3. Pecuária

Na ilha criava-se e até agora se cria animais que fornecem proteínas complementares aos produtos marinhos. Para fins meramente comparativos os dados constantes do quadro abaixo são referentes às três ilhas: Ibo, Quirimba e Matemo no ano de 1850.

Designação	Nº existente na ilha	Nº existente na ilha	Nº existente na ilha
	IBO	QUIRIMBA	MATEMUE
Bovino	190	288	_____
Caprino	988	143	254
Ovino	125	_____	_____
Suíno	6	_____	_____

Fonte: Relatório da Inspeção Ordinária ao Conselho do Ibo do distrito de Cabo Delgado, 1951-1961, p.19.

<sup>38</sup> GERARD, op.cit, p.2.

O quadro a seguir ilustra dados referentes ao ano de 1852.

GADO	Nº
Azimino	16
Bovino	695
Caprino	610
Ovino	135
Suíno	161

Fonte: Romero, citado por Gerard, op.cit, p.15.

#### 1.4 - Comércio

Por volta do século XVIII, praticava-se na ilha o comércio com os Mujaus. As trocas muitas das vezes eram feitas num sistema de permuta directa e em alguns casos utilizava-se a moeda. Os funcionários recebiam os seus vencimentos em panos, isto é, o seu valor em dinheiro era convertido em tecidos e cada pano correspondia a 400 reis<sup>39</sup>.

O comércio de mercadorias foi desde tempos remotos muito rentável e historicamente ligado a Índia.

" O comércio é quase exclusivamente exercido como ainda hoje pelos baneanes a quem em 1686 o conde de Alvor, então vice-rei da India, tinha prometido. Assim, formou-se a companhia dos

---

<sup>39</sup> Pereira, Luis Filipe; A criação da alfandega da ilha do Ibo e a contribuição das ilhas para o comércio e a vida de Moçambique no século XVIII, 1970, p.13

baneanes a quem foi concedido o exclusivo do tráfego entre Dio e Moçambique"<sup>40</sup>.

No século XIX, verificaram-se mudanças muito importantes na economia política do norte de Moçambique. Em 1853 foi promulgada uma lei cuja aplicação foi efectivada no ano seguinte. Esta lei abria todos os portos de Moçambique à navegação estrangeira, e também abria o comércio da província aos estrangeiros desde que esses respeitassem as licenças aduaneiras<sup>41</sup>.

Com esta abertura, o índice de visitas à ilha subiu. Os barcos estrangeiros tinham que pagar taxas na alfândega, na capital (Ilha de Moçambique). Como forma de controlar mais as taxas aduaneiras nos portos foi igualmente criada a alfândega do Ibo em 1853. A criação da alfândega no Ibo foi de certa maneira benéfica para o governo, porque todos os produtos que passavam pelo porto do Ibo pagavam uma taxa aduaneira.

O marfim tinha o direito de pagar a taxa de 4% por entrada na alfândega e os restantes géneros que não fossem marfim estavam livres deste direito e poderiam ser exportados para qualquer parte do mundo, desde que não fossem para os portos moçambicanos vedados, nos quais só eram permitidas fazendas reais.

A nenhuma pessoa era permitido desembarcar qualquer qualidade de fato ou fazenda sem ter pago os direitos aduaneiros<sup>42</sup>.

---

<sup>40</sup> cf. Relatórios e informações ano de 1910, op.cit.p18

<sup>41</sup> ROCHA, Aurélio; " Resistência em Moçambique: o caso dos Suaili, 1850-1913". In: Iª Reunião Internacional de História de África: relação Europa-África no 3º quartel do Século XIX, Lisboa, 1989, p.595.

<sup>42</sup> Pereira, Luis Filipe, op.cit, p.107

Todo o dinheiro da alfândega segundo as ordens governamentais, devia ser guardado num cofre de três chaves. Uma das chaves ficava com o governador, outra com o capitão-general e outra com o juiz da alfândega.

Algumas firmas comerciais europeias começaram a estabelecer-se em Moçambique em busca de produtos de origem vegetal e animal, que na altura eram muito necessários para a indústria europeia<sup>43</sup>. Estas firmas, instalaram as suas sucursais em vários pontos do litoral designadamente Ibo, Ilha de Moçambique, Parapato (Angoche) e Quelimane.

Em 1860 os franceses estabeleceram duas casas comerciais na ilha do Ibo, nomeadamente "FABRES et FILS" e "REGIS AINE". Estas firmas, faziam o comércio com o continente, em barcos à vela.

Numa primeira fase estas firmas só faziam o transporte de mercadorias e a certa altura inicia a exploração de mica em Bilibiza.

Em Outubro de 1883, estabeleceu-se no Ibo a casa comercial inglesa SHARRER, tied & Cia.

O comércio de escravos foi uma das grandes actividades da ilha. Em 1645 o governo colonial fez a concessão aos armadores da conquista de carregarem os seus navios de escravos para a colónia portuguesa da América, o Brasil, e que segundo uma ordem do governo, este negócio devia ser facilitado na medida em que a prosperidade desta colónia era importante<sup>44</sup>.

---

<sup>43</sup> idem, p.595.

<sup>44</sup> Texeira Botelho, I.p(328-330), citado por, GERARD, Constantino; Algumas datas e factos a cerca das ilhas de Quirimba, mais tarde designadas por ilhas de Cabo Delgado, p.7.

Neste âmbito, foi desenvolvido o comércio de escravos em toda a costa moçambicana, e Ibo era um dos grandes centros de escravatura na costa nortenha de Moçambique.

Esta actividade, envolvia não só franceses e africanos, como também alguns portugueses. O envolvimento dos portugueses iniciou com o governador João Pereira da Silva Barbosa, continuou com Baltazar Manuel Pereira do Lago e aumentou com Diogo Guerreiro de Aboim.

A explicação do envolvimento destes portugueses era que os seus vencimentos eram insuficientes e as fazendas tornavam as suas vidas estáveis.

Nos finais do século XVIII os franceses começaram a frequentar a costa moçambicana com o objectivo de fazer a compra de escravos que levavam para as ilhas da Reunião, Comores e Madagascar. "Em 1778, João Vitto acusa o governador, os sacerdotes, os comandantes de tropas, o juiz e os compadres de terem deixado um navio francês a fazer a prática de escravatura. Este navio trazia pólvora, espingardas, fazendas e cerca de 3.000 patacas e levava cerca de 350 à 400 cafres, dos quais 120 pagos em dinheiro e os restantes em panos e chegam a introduzir cerca de 100.000 cruzados de fazendas"<sup>45</sup>.

Montaury, confirma a entrada na nossa costa de navios de origem francesa vindos das ilhas Maurícias e Bourbon em busca de escravos, ouro e marfim em troca deixavam patacarias, armas de fogo e pólvora.

---

<sup>45</sup> cf. Pereira, Luis Filipe, op.cit.

Segundo Liesegang<sup>46</sup>, na segunda metade do século XIX, os lucros resultantes do tráfico de escravos ultrapassavam os do comércio de marfim. Daí o seu desenvolvimento em toda a costa moçambicana. O desenvolvimento do tráfico de escravos não se deve apenas à sua rentabilidade, mas também devido à expansão de culturas de plantações nas ilhas francesas do índico, pois precisavam de mão-de-obra barata.

O tráfico de escravos entrou em declínio com a introdução das medidas de abolição da escravatura. O decreto de 14 de Julho de 1854, ordena o registo de todos os escravos e declarava livres os que até à data pertenciam ao Estado e aqueles que não fossem registados até aquela data ainda dependeriam do respectivo senhor. A lei de Julho de 1856, declarou livres todos os filhos de mulheres escravas que fossem nascidos depois da publicação da lei. O decreto de 29 de Abril de 1858 marcou o fim da escravidão e deu o prazo de vinte anos para que todos os escravos fossem livres<sup>47</sup>.

Actualmente 1994 a sede da ilha do Ibo conta com quinze estabelecimentos comerciais dos quais onze estão em funcionamento e quatro estão encerrados devido a má situação financeira dos seus proprietários; há portanto, uma fraca capacidade de abastecimento a esses estabelecimentos. Das 10 padarias existentes nenhuma funciona por incapacidade dos seus proprietários em adquirir a farinha de trigo<sup>48</sup>.

---

<sup>46</sup> Rocha, Aurélio, 1989, op.cit, citando Liesegang, p.584.

<sup>47</sup> Relatórios e informações ano de 1910, op.cit, pp.18,38.

<sup>48</sup> Dados recolhidos junto ao Administrador do Distrito, Ibo, 1994.

### 1.5. Outras actividades de importância económica

Uma outra actividade que se pratica na ilha é a ourivesaria. Esta actividade é secular. No século XIX, aproximadamente em 1856 havia cerca de duas oficinas de Ourives. Actualmente são cerca de 50 ourives de boa capacidade técnica<sup>49</sup>.

Há outras actividades como a carpintaria, a alfaiataria e a serrelharia.

### 2. Equipamentos sociais e relacionados com a religião islâmica

A vila tem uma rede telefónica em funcionamento e uma estação de electricidade que não funciona devido à destruição da rede eléctrica e por causa da falta de combustível.

Existe um hospital com uma maternidade, com capacidade de internamento de doentes. O hospital tem um técnico apoiado por uma médica da Organização não-governamental francesa "Marinheiros Sem Fronteira".

Há duas formas de acesso à ilha: a via marítima e a via aérea. As casas encontram-se num estado acelerado de degradação. A maior parte delas teve uma cobertura de telhas ou zinco, mas a maioria já perdeu a cobertura.

Nos bairros, a maioria das casas são de alvenaria, feitas de pedras calcárias, rebocadas com terracota e pintadas a cal.

---

<sup>49</sup> Na mesma época, em termos de estabelecimentos comerciais, contavam-se na ilha do Ibo 4 lojas de Batias, duas de Baneanes, uma confitaria e 4 oficinas de alfaiataria.



A ilha possui cerca de doze mesquitas, distribuídas em quase todos os bairros e tem cerca de sete madraças. A maioria da população da ilha professa o Islamismo.

Em termos do panorama educativo, há que dizer que no século XIX, aproximadamente em 1852, em todo o ex-distrito de Cabo Delgado só o Ibo é que tinha uma escola de instrução primária que contava com 38 alunos só do sexo masculino. Em 1880, a ilha contava com duas escolas, uma para o sexo masculino e outra para o sexo feminino e um professor e uma professora respectivamente<sup>50</sup>.

Actualmente, quase todos os bairros possuem escolas; o Bairro de Cimento tem uma escola Primária do 1º Grau com 6 salas de aulas, leccionando classes que vão da 1ª a 5ª classe. A escola, conta neste ano com cerca de 425 alunos, possui um posto de socorro e foi reabilitada com o patrocínio da O.N.G. PROGRESSO.

---

<sup>50</sup> GERARD, op.cit, p.21.



## CAPITULO IV

### ASPECTOS HISTÓRICOS

Neste capítulo pretendemos apresentar o panorama histórico que carecteriza a região. Neste contexto, analisamos primeiro em linhas gerais o processo que levou à fundação do Islamismo na Península Arábica, a sua expansão pelo mundo e em particular pela África Oriental.

Fazemos uma breve referência ao processo de criação das mesquitas e analisamos o seu impacto no processo de difusão do Islamismo na região.

No mesmo capítulo falamos das madraças como centros de educação cultural.

#### 1 . A Expansão do Islamismo na costa Oriental de África

De acordo com Wilmot o aparecimento dos primeiros povos Islamitas na Costa Oriental de África remonta o século VIII d.c; que corresponde ao ano de 739 d.c. e a data de 129 da Hégira. Esses Islamitas eram Árabes da seita dos Emozaidas que teriam sido expulsos das suas terras por conflitos religiosos. Estes vieram estabelecer-se nas diferentes ilhas da costa de África. Foram-se expandindo e em 930 d.c chegaram 3 naus com muitos árabes de uma Kabilda vizinha de Laçah, na costa do Golfo

Pérsico, fugindo das perseguições do seu xeque. Estes viriam a fundar as cidades de Brava e Mogadixo<sup>51</sup> .

No primeiro milénio d.c., a Costa Oriental da África foi frequentada com maior intensidade por árabes e persas. Estes desenvolveram o comércio de cerâmica, tecidos e instrumentos de ferro e em troca levavam consigo ouro, marfim escravos cera e conchas. Este comércio foi desenvolvido principalmente através dos portos de Xiraz e do Golfo Pérsico<sup>52</sup> .

Segundo a tradição, no ano 1000 d.c surgiu na costa um certo Ali, acompanhado de muita gente, que dispunha de recursos suficientes. Tratava-se do filho de Assan ou Hocen, rei de Xiraz na Pérsia, que fugia de desavenças havidas com os seus irmãos. Deixa no norte as cidades de Brava e Mogadixo e segue para o sul ao longo da costa. Funda a cidade de Quíloa e procura fortificá-la para se defender da população do continente e dos mouros das ilhas fronteiriças de Shanga e Songo<sup>53</sup> .

Uma outra população da Arábia meridional, os Sabeus seguem em duas direcções para o sul e para o norte, ocupando as ilhas ainda desabitadas de Quirimba, de Moçambique e a região de Angoche. Apoderam-se das ilhas de Pemba, de Zanzibar, Máfia, Comores e conquistam também Mombaça e Melinde. Povoam uma parte da terra firme e das ilhas da Lua (Madagascar)<sup>54</sup> .

---

<sup>51</sup> cf. VILHENA, op.cit, p.20

<sup>52</sup> cf NURSE, op.cit, p.7.

<sup>53</sup> VILHENA, op.cti, p.20 e RITA-FEREIRA A. Alguns aspectos materiais da civilização swahili em Moçambique. In: Leba, Lisboa, nº 7, 1992, p.28.

<sup>54</sup> idem, VILHENA p.20.

No segundo milénio d.c, o comércio da África Oriental passou a ser feito totalmente para a Península Arábica. O primeiro sinal de relevo ocorreu no século IX com o primeiro Imamo de Omã<sup>55</sup>.

A maior parte do comércio da África Oriental era feito na praia pelos mercadores árabes e os residentes africanos. Somente duas cidades comerciais (Rhapta e Kanbalu) são conhecidas para o período anterior a 800, apesar de não se conhecer exactamente onde estão localizadas.

Os primeiros locais de comércio permanentes que se podem identificar foram, segundo Derik e Thomas, estabelecidos durante o século IX no Arquipélago de Lamu (em Pate, Shanga, e Manda) e na região costeira do sul da Tanzania, (em Mafia e Quiloa). O mesmo autor, refere que, no século XI, o comércio centrou-se em Mogadixo na Somália, onde os pangaios adquiriam ouro, marfim, escravos e outras mercadorias ao longo da costa<sup>56</sup>.

É importante salientar que no princípio a ocupação territorial não foi o principal objectivo dos primeiros islamitas que chegaram à esta costa. O que lhes interessava era ocupar os lugares que oferecessem maior segurança possível para melhor se defenderem das incursões das populações do continente. Por isso a sua preferência foram as seguintes ilhas: Quiloa, Mombaça, Moçambique, Matemo entre outras.

Exerciam um domínio sobre o comércio que era feito com a população do continente. Nota-se que existe uma tendência de domínio comercial partindo das ilhas para a costa. Mais tarde começaram a se interessar pela ocupação de alguns lugares mais importantes da costa que eram mais ricos, e que serviam de

---

<sup>55</sup> NURSE, op.cit, p.1.

<sup>56</sup> NURSE, loc.cit, p.1 e 2.

escoamento dos produtos do interior. Razão pela qual estabeleceram-se em Sofala e nas bocas do Zambeze<sup>57</sup>.

Segundo Vilhena, o domínio e a influência religiosas não tiveram carácter nitidamente muçulmano nem árabe, uma vez que eram sucessivas as imigrações de Islamitas de diferentes seitas e proveniências. Por isso, "a doutrina que esses sectários do Islão transmitem aos negros com quem se relacionam não é pois una e cada vez se era diferenciado e abastardando mais à medida do seu internamento no continente"<sup>58</sup>.

Vilhena, periodiza a influência Islâmica da seguinte maneira: "O primeira período da influência islâmica na costa oriental de África vai desde o século VIII até ao século XV. É caracterizado por um domínio territorial ao longo do litoral, sobretudo, nas ilhas; por lutas frequentes entre as cidades e os nativos das terras firmes; larga difusão do Islamismo muito adulterado, reduzido a um certo número de crenças, preceitos e usos. Propagação do mestiço mais ou menos arabizado com tendência a dissolver-se na massa negra da população indígena"<sup>59</sup>. A chegada dos portugueses na costa oriental de África marcou o início do segundo período da influência Islâmica. Este período é descrito como sendo um período de pouca influência<sup>60</sup>.

É de notar que, entre o séc.XVI e XVII, em toda a costa Oriental de África, os portugueses desencadearam uma grande guerra contra as populações islamizadas.

---

<sup>57</sup> Etiópia Oriental I,III,V citado por Vilhena, p.21.

<sup>58</sup> Vilhena, op.cit,p.21.

<sup>59</sup> ibid, p.25.

<sup>60</sup> idem.

No século XIII, Mogadixo era notável pela sua grandeza e pelo seu carácter islâmico. Mas durante o século XIV, perdeu o seu monopólio do comércio do ouro com Quíloa. Quíloa tornou-se então num grande centro de difusão da influência islâmica e do monopólio do comércio do ouro e de escravos. Este porto continuou a dominar todo o comércio costeiro até à conquista portuguesa em 1505. Quíloa perdeu o domínio que tinha e que passa para o norte de Mombaça<sup>61</sup>.

Neste período, na costa Moçambicana ao norte do Zambeze, a influência islâmica sofreu um declínio devido à presença portuguesa na Ilha de Moçambique e nas ilhas Quirimbas<sup>62</sup>.

O porto de Mombaça por seu turno, foi tomado e saqueado em 1589 pelos Muzimbas da Zambézia no seu movimento de invasão até Melinde. Este facto teve também um papel importante no declínio da influência islâmica neste período<sup>63</sup>.

Vilhena considera que, "a presença dos Zimbas pela costa de Cabo Delgado obriga à retirada precipitada para as ilhas de todos os mouros que nelas se achavam comerciando"<sup>64</sup>.

Uma outra causa do declínio de Mombaça foi a guerra desenvolvida pelos portugueses ao longo da costa desde a sua chegada no século XV. No século XVIII a guerra desenvolvida por Portugal conhece uma evolução quando em 1728 cerca de 300 homens comandados pelo coronel Álvaro Marques Cardoso atacam Mombaça e a 16 de Março é tomada a fortaleza. No ataque foram "mortos 500

---

<sup>61</sup> NURSE, Dirck and SPEAR, Thomas. The swahili: reconstructing the history and language of an african society 800-1500, Philadelphia, University of Pennsylvania, 1955.

<sup>62</sup> cf. Vilhena, op.cit, p.31.

<sup>63</sup> idem.

<sup>64</sup> Vilhena, op.cit, p.40.

árabes e feitos prisioneiros 600, para além dos 800 cafres escravos. Foi assaltada a fazenda e tomou-se o marfim, ambar e tartarugas"<sup>65</sup>.

Com a rendição de Mombaça, foram tomados também pelos portugueses Pemba, Zanzibar e Tungue.

O século XIX é caracterizado por mudanças no curso dos acontecimentos. É descrito como sendo o período mais brilhante para a influência islâmica. Trata-se portanto, do terceiro período da influência islâmica na Costa Oriental.

Verificou-se neste período a recuperação de Mascate, que adquiriu a independência tornando-se num sultanato próspero e poderoso. No mesmo período o Imamo Seid-Said estabeleceu-se definitivamente em Zanzibar, deixando um seu filho como Governador de Mascate.

Há um importante recrudescimento do domínio árabe no Golfo Pérsico, ao mesmo tempo se ocupam pontos importantes no interior da África Oriental. Estabeleceram-se na região de Usagara, aproveitando-se dos portos de Saadani e Bagamoyo. Fixaram-se em Tabora que se tornou no centro comercial e agrícola mais importante situado no interior.

Em 1840 os árabes já estavam nas margens do Tanganhica, em Karema, em Udjidji e chegaram a Nyangue que fica situado sobre o Congo em 1868. Para o sul de Tanganhica desceram para os lagos Moero e Bangocolo, Rovuma e Niassa, e frequentaram as bacias do

---

<sup>65</sup> ibid.p.40.

Lugela. No mesmo período notou-se, nestes territórios, a interferência dos Ingleses e Alemães<sup>66</sup>.

Seid - Medjid que se tornou Imamo de Mascate depois da morte do seu pai em 1868, declarou-se independente do seu irmão Seid-Tuine com o apoio da Inglaterra. Após a sua morte é sucedido por Seid-Bargash, que queria livrar-se do jugo inglês. As suas terras foram divididas entre a Inglaterra e a Alemanha.

A Inglaterra passou a governar o norte, as duas ilhas e a parte costeira entre Oanga e a embocadura de Djuba. Para o interior estabeleceu-se no Uganda e no Unioro. A sul, a Alemanha estabeleceu a sua capital no porto de Dar-es-Salaam, criou importantes centros como Mikindane, Linde, Quíloa, Bagamoyo, Saadani, Pangani e Tanga. Indo para o interior, chega aos lagos Vitória, Tanganhica e Niassa.

"Não obstante os direitos que teoricamente o protectorado lhes garantia, o domínio territorial dos islamitas terminara na África Oriental"<sup>67</sup>.

Com o domínio destes dois países (Inglaterra e Alemanha) na África Oriental foi-se desenvolvendo um comércio livre de que os Islamitas também se beneficiaram.

Há que considerar que neste terceiro período há uma tolerância da religião. Foi estabelecido o princípio da absoluta liberdade de religião e a imparcialidade do Soberano nas suas relações com todos os cultos e ainda a obrigação de proteger e facilitar igualmente o exercício de todas as religiões<sup>68</sup>.

---

<sup>66</sup> idem

<sup>67</sup> ibid, p.46.

<sup>68</sup> ibid, p.47.

Assim, o domínio do Islamismo ainda se faz sentir com maior intensidade da costa para o interior.

De acordo com Vilhena, este período distingue-se dos anteriores pelo maior número de manifestações da influência islâmica.

Nos dois primeiros períodos os seus representantes, sobretudo comerciantes, que exerciam o domínio territorial como um meio indispensável para assegurar as actividades, iam para o interior não por interesses religiosos, mas fundamentalmente comerciais<sup>69</sup>.

Assim do terceiro período podem-se resumir os seguintes fenómenos:

1. "O recrudescimento [do Islão] em todas as suas manifestações embora sem o domínio territorial;
2. Difusão da religião por toda a costa e continente até aos lagos e a bacia do Lugenda com a conseguinte adaptação dos usos e costumes;
3. Largo cruzamento com indivíduos indígenas sobretudo na costa e a formação de uma camada de mestiços com porção variável do sangue árabe mais instruída e mais rigorosa na observância da religião"<sup>70</sup>.

Segundo Gonçalves, existem nove causas para o sucesso do Islão na África subsahariana, nomeadamente:

---

<sup>69</sup> idem.

<sup>70</sup> ibid, p.49.



- a) "A existência de centros de difusão do islamismo em África, que se ocupam com interesse da islamização dos Africanos vinculados às crenças tradicionais;
- b) A coincidência de certas instituições muçulmanas com algumas das mais significativas e tradicionais instituições nativas;
- c) A acção do corão como elemento unificador dos povos islâmicos e a sua inteligibilidade ante a mentalidade dos Africanos;
- d) A administração europeia e o prestígio do balandrau;
- e) A discriminação racial em contraste com o igualitarismo étnico exibido pelos muçulmanos;
- f) A acção islamizadora perisistente dos comerciantes árabes, arabizados, muçulmanizados e Mouros de diversas confrarias, etc...;
- g) A perigração à Meca;
- h) A preparação de missionários para pregar o Islão na Africa banto Sudanesa;
- I) O uso da força como meio de obter a conversão ao islamismo dos infiéis da Africa"<sup>71</sup>.

## 2. A presença islâmica na costa norte de Moçambique.

Moçambique é um dos países da costa Oriental de África que ao longo dos séculos passados foi palco de contactos e interpenetrações culturais de diferentes povos.

No presente trabalho, importa referir a presença Asiática, em particular a dos asiáticos islamizados, uma vez que, foi esta que mais se notabilizou.

---

<sup>71</sup> Gonçalves, J.J. op.cit, pp.83-84.



No primeiro capítulo nós dissemos que a ilha do Ibo é o nosso local de estudo. A sua caracterização geográfica já foi feita no primeiro capítulo.

As ilhas que fazem parte do conjunto das ilhas de Quirimba "desempenharam um papel estratégico em relação aos movimentos comerciais e religiosos que tiveram lugar principal o Oceano Indico e todo um vasto conjunto de Ilhas que vão desde Mogadixo à Sofala. É um espaço privilegiado, fértil em contactos, choques e interpenetrações entre povos e culturas, um pólo de cooperação e de conflitos, um local próprio de tranformações biológicas e sócio-culturais"<sup>72</sup> .

Essas interpenetrações de povos e de culturas diferentes deu origem a diferentes comunidades com características sócio-culturais diferentes.

A influência islâmica é maior nestas ilhas. Ela é bem patente em todos os aspectos da vida social. Trata-se de uma convivência humana típica do Islamismo e uma vida económica essencialmente fundada em actividades piscatórias e comerciais.

"De todo este complexo processo social, biológico, aliado às condições ecológicas, emergiu uma realidade sócio-cultural Muani e o dialeto Kimuani que tem como substrato a cultura e a língua Swahili"<sup>73</sup> .

---

<sup>72</sup> cf. BENTO, Carlos Lopes. A posição geopolítica e estratégica das ilhas de Quirimba-as fortificações de alguns dos seus portos de escala(sec.XVI-XIX).In: Leba, Lisboa, nº 7,1992, pp.326-327.

<sup>73</sup> idem.

Swahili é cultura por um lado e uma língua por outro, resultante dos contactos entre a cultura asiática, em particular árabe, com a cultura africana.

" A acção islâmica na costa nortenha de Moçambique, assim como em toda a costa, retardou um pouco devido em parte a governação independente da pátria dos imigrantes árabes ou islamizados da Índia e Pérsia; em segundo lugar é a forma como eles imigraram, diferentes povos diferentes seitas. Desta maneira, o islão desta zona está longe de ser uno e sobretudo de ser puro. A sua intensidade varia naturalmente com o maior ou menor grau de relações exercidas e também com a maior ou menor acção que sobre ela foi exercida"<sup>74</sup> .

A influência islâmica deixou vestígios sobretudo na religião, com algumas manifestações na educação, nos usos e costumes.

É importante referir que, o islão foi de certa maneira 'africanizado', "uma vez que muitos dos aspectos básicos da lei corânica não são respeitados condignamente, praticando-se por exemplo a circuncisão no estilo africano. Isto deve-se em parte ao facto de os sacerdotes africanos islamizados não terem tido sempre uma preparação religiosa aprofundada nem terem uma vocação particular, o que lhes leva por vezes a não respeitarem com rigor todos os preceitos da lei corânica"<sup>75</sup> .

Segundo Major, Machado, "estes sacerdotes recorrem às práticas totémicas para preencherem certas inevitáveis lacunas da lei que não conhecem suficientemente bem"<sup>76</sup> .

---

<sup>74</sup> Gonçalves, J.J, op.cit, p.54.

<sup>75</sup> idem.

<sup>76</sup> MACHADO, A. J. de Mello. Entre os macuas de Angoche: Historiando Moçambique. Lisboa: Prelo Editora, 1970,p.251.

O mesmo autor afirma que a comunidade continua a fazer as práticas tradicionais, como por exemplo, a consulta aos adivinhos e outras práticas típicas da tradição local, isso também é uma forma de africanização do islão.

A influência do islão é mais notória desde os aspectos mais complexos até aos aspectos mais simples, como por exemplo o comportamento dos indivíduos islamizados, a moral e o seu espírito. Isso manifesta-se no seu modo de casamento, educação e religião. Relativamente aos aspectos simples, de que estamos a nos referir, são exemplos: o modo de se vestir, de comer, aspectos ligados à convivência social, etc.

Segundo Vilhena, "uma influência como a islâmica, exercida durante muitos séculos deixou vestígios notáveis, no caso específico da África Oriental portuguesa, estes vestígios podíamos encontrar nos territórios de Angoche, Moçambique, Cabo Delgado, sendo este último muito acentuado, estes vestígios são sobretudo de ordem religiosa com algumas manifestações de instrução, de usos e costumes"<sup>77</sup>.

Não é só a ilha do Ibo que conheceu esta grande influência do Islão, mas também outras regiões da costa como são os casos de Pemba, Quissanga, Mocímboa e Tungue.

Os maometanos conseguiram islamizar boa parte das populações do norte de Moçambique, excepto os macondes os quais constituíram durante muito tempo um grupo étnico impermeável à lei corânica<sup>78</sup>.

---

<sup>77</sup> Vilhena, op.cit, p.212.

<sup>78</sup> idem.

As práticas islâmicas são dessiminadas a partir da instrução corânica que se faz nas escolas corânicas ou "madraças".

### 3 O impacto das Mesquitas no processo de difusão do Islamismo e o papel educativo das Madraças na ilha do Ibo

#### 3.1. História da criação de Mesquitas na ilha

A mesquita é um centro religioso e sagrado, mas também constitui um centro de transmissão de valores culturais. É onde a população se reúne para resolver os seus problemas e conflitos familiares. É um centro onde se definem as regras através das quais se rege a comunidade<sup>79</sup>.

A população do Ibo está habituada a frequentar a mesquita. Os mais zelosos frequentam-nas todos os dias e os restantes vão apenas às sextas-feiras.

Na óptica do Imamo da mesquita central, conhecida por "Mesquita dos Indianos", em língua local conhecida por (wawainde), um muçulmano é obrigado a ir à mesquita 5 vezes por dia como rege a lei corânica, às 4 horas da manhã, às 12 horas, às 15 horas, às 18 horas e por último às 18.30 ou 19 horas<sup>80</sup>.

Durante o período de "ramadan" toda a população vai para a mesquita pelo menos uma vez por dia. Geralmente tem sido às 19 horas. Esta missa prepara as pessoas para o "jejum" do dia seguinte.

---

<sup>79</sup> Quase todos os Imamos que contactamos durante as nossas entrevistas chegaram a revelar estes aspectos quando ao papel as mesquitas.

<sup>80</sup> JANGAR, Sadiqui Amisse, Ibo, 1994.

O surgimento de mesquitas na ilha do Ibo, está relacionado com a expansão do Islamismo.

Numa primeira fase, aquando da chegada dos comerciantes árabes, eles usavam os entrepostos comerciais como locais de cultos religiosos. Com o aumento do número de crentes, começa-se a construir casas próprias para o culto. Surgem assim as primeiras mesquitas.

As mesquitas mais antigas da costa de Cabo Delgado são as de Quissanga, Pangane e Ibo.

Na ilha do Ibo existem actualmente (1994) 12 mesquitas distribuídas pelos diferentes bairros, nomeadamente, a Mesquita dos Indianos, a Sumahili Rachid, a Nuno Bize, a Paquissirua, a Mestre Yassini, a Caria, a Panangala, a Monawa, a Manjavi, a Bragagi, a Salaama e a Caderia. As duas últimas são exclusivamente para senhoras e na língua local chamam-se "Mussuhaburi". A mais antiga destas é a Mesquita dos Indianos, construída por um indiano de nome YAKUBO ABIBO e parece que só os Indianos é que podiam rezar nesta mesquita. Daí a razão do nome.

Em termos de constituição arquitectónica, a maior parte delas são idênticas exceptuando as duas utilizadas pelas mulheres.

No interior das mesquitas há na parte frontal, um cubículo que isola o Imamo dos outros crentes. Ainda na parte frontal existem 4 escadarias. Estes dois últimos componentes marcam a diferença entre as mesquitas em geral com as das senhoras.

A mesquita de Bragagi tem 3 escadarias em vez de 4 mas isso não altera o seu significado. As escadarias servem para o dia de Idh. Nesse dia o Imamo sobe para ser visto por todos.

A maior parte delas foram construídas de blocos de pedras calcárias que na ilha são abundantes. Algumas foram cobertas de zinco, outras de palhas (macúti) e pintadas de cal. Todas elas têm tanques de água para o uso dos crentes antes das missas. Algumas delas têm lampadas mas porque a vila não tem tido energia, utilizam uma lamparina. Os crentes sentam-se nas esteiras e tapetes devido à forma como os muçulmanos fazem as suas orações. Algumas passagens exigem que eles fiquem de cócoras ou de pé. Em geral todas as mesquitas possuem casas de banho.

Todas elas têm uma zona reservada para as senhoras e que se situa muito isolada dos homens. Aliás, nem sequer se vêem mutuamente. As mulheres apenas acompanham a voz do imamo sem vê-lo.

### 3.2. Organização interna das mesquitas

Em geral todas as mesquitas têm um "Imamo"<sup>81</sup>, um "Muadini" e "um chefe de organização". O imamo é o chefe supremo da mesquita. Ele decide, orienta as orações, pode nomear ou expulsar os dois últimos, mas com a aprovação da assembleia. A sua função principal é a de orientar as orações, dirigir as cerimónias fúnebres, o mauilidi e a fateha.

---

<sup>81</sup> Imamo é o nome atribuído ao chefe responsável pelas orações na mesquita.

O Imamo é geralmente eleito em assembleia e, noutros casos, é nomeado pelo próprio Imamo ou então é herdeiro do Imamo.

O Muadini é o segundo na hierarquia da mesquita, ele tem a função de chamar os crentes às horas de culto através dum cântico específico igual em todas as mesquitas.

Em casos de ausência do Imamo, o muadini pode dirigir as orações e em alguns casos pode assumir as funções de chefe da organização.

O chefe da organização é o terceiro elemento na hierarquia da mesquita, e desempenha as funções de organizador, controlador do material e dos bens da mesquita, varre e transporta água para os tanques, etc.

Em casos de o Imamo não cumprir devidamente com os seus deveres, a assembleia pode decidir demití-lo e substituí-lo por um chehe que se julgue capaz de representar os seus interesses. Isto tem sido motivo de desavenças, uma vez que algumas mesquitas pertencem à uma certa família e o Imamo geralmente tem sido um membro desta família assim ele procura ser independente da maioria dos crentes. Assim, quando existem contradições, não é fácil retirá-lo do poder. Como consequência disso, registam-se os abandonos. Outros preferem rezar em mesquitas muito distantes das suas zonas de residência.

### **3.3. O relacionamento entre as mesquitas**

Em geral as mesquitas não se relacionam bem, excepto nos casos em que os proprietários são amigos pessoais. Isso é devido em parte à constante concorrência entre elas.



Por outro lado, no caso específico da ilha do Ibo, os responsáveis religiosos respondem pelos problemas das famílias, são eles que resolvem os conflitos e decidem sobre as regras que a sociedade local deve seguir.

A luta pelo poder das famílias constitui um dos motivos que leva a que certos "Chehes" optem pela construção da sua própria mesquita. Além disso, a mesquita também constitui uma fonte de rendimento, visto que, os lucros (dinheiro e bens materiais) resultantes das contribuições dos crentes em casos de cerimónias funebres, festas (maulidi e fateha) e destinados à mesquita vão muitas vezes para os bolsos do Imamo.

Na Ilha do Ibo, quatro das doze mesquitas existentes são privadas quer dizer que, alguém com fundos próprios construiu mesquita e as outras são populares. Isto quer dizer que, são mesquitas construídas por esforço dos crentes da região.

Na sextas-feiras todos os crentes vão rezar na mesquita central ou na mesquita Manjavi. As outras ficam completamente fechadas nesse dia. Isso significa que existe uma tentativa de os crentes de diferentes mesquitas se aproximarem.

Uma outra forma de se criar aproximação entre os crentes são os convites para algumas cerimónias religiosas como o "maulidi", a "fateha". Em 1993 foi realizado um "maulidi" em que foram convidadas pessoas de diferentes zonas, nomeadamente de Quirimba, Quirambo, Matemo, Quissanga e algumas pessoas vindas da cidade de Capital de Cabo Delgado, Pemba, para além de serem convidadas várias personalidades políticas como são os casos do governador da Província António Simbine e do Ministro da Justiça

Osmani Ali Dauto, assim como também do administrador distrital, o primeiro secretário do partido Frelimo e o Director distrital da cultura.

O quadro a seguir para fins ilustrativos apresenta o nome da mesquita, o bairro onde está localizada e o número aproximado de crentes que frequentam diariamente as mesquitas.

Nome da Mesquita	Bairro onde se localiza	Nº de crentes
Central	Cimento	35
Sumahili Rachid	Rituto	15
Núno Bizé	Rituto	15
Paquissirua	Cumuamba	25
Mestre Yassini	Cumuamba	24
Caria	Rituto	30
Panangala	Rituto	25
Monawa	Rituto	15
Manjavi	Cumuamba	15
Bragagi	Rituto	20
Salaama	Cumuamba	10
Caderia	Rituto	20

Fonte: entrevista com todos Imamos, Ibo, 1994.

### 3.4. O papel educativo das madraças

A madraça é um centro de instrução islâmica. Grosseiramente falando, as madraças são escolas exclusivamente para os filhos de muçulmanos.

Nas madraças, as crianças aprendem também os aspectos da educação geral, para além de aprenderem a interpretar o alcorão e o alfabeto árabe. Os mualimos nas madraças desempenham também o papel dos pais. Dão conselhos educativos, ensinam a respeitarem os mais velhos e a trabalharem; aliás, quase todas as crianças fazem trabalhos domésticos na casa do mualimo.

A interpretação do alcorão, "Nlimo", é a base do ensino nas madraças; ensina-se o "Hadissi", (história do profeta), a língua árabe, ensina-se o "fiquihi" que são as normas contidas nos mandamentos das cinco orações; ensina-se também como purificar o corpo.

Por razões financeiras os alunos não utilizam o caderno, mas sim o "Mbão"; uma espécie de ardósia (um pequeno quadro feito de madeira).

A idade mínima para o ingresso nas madraças varia entre os 5 e os 7 anos. As aulas são dadas todos os dias lectivos, de segunda-feira à quinta-feira à tarde, exceptuando a sexta-feira por causa do "Jumaa", que equivale ao domingo para a comunidade islâmica<sup>82</sup>.

---

<sup>82</sup> Entrevista com o representante do conselho islâmico do Ibo, senhor Sadiqui Amisse Jångar, 1994.



No quadro a seguir apresentamos, para fins ilustrativos, o nome da madraça, o ano da sua construção, a sua localização, o nome do mualimo, a taxa de pagamento e o número de alunos.

NOME DA MADRAÇA	ANO DA CONSTRUÇÃO	LOCALIZAÇÃO	NOME DO MUALIMO	TAXA DE PAGAMENTO	NUMERO DE ALUNOS
CHAME	1984	Rituto	Amade Assane	200,00mt	87
MOHAMADIA	1980	Rituto	Maquina Npuigo	100,00mt	—
ISLAMICA	1989	Quirambo	Assane aly	100,00mt	45
ALMANAWIA	1987	Rituto	Assane aly Abel	100,00mt	54
SWADYA	1966	Cumuamba	Sefu Aly	500,00mt	—
ISLAMIA	1986	Rituto	Chica Ntamani	200,00mt	75

Fonte: Dados colhidos junto aos mualimos que estão a frente das madraças 1994.

## CAPITULO V:

### A INFLUENCIA ISLÂMICA NOS RITOS DE INICIAÇÃO E NOS CASAMENTOS

No capítulo anterior referimo-nos das Mesquitas e das Madraças como centros de difusão e de educação religiosa. Mas acreditamos que existem outras formas de transmissão e de difusão dos valores desta religião. Neste âmbito, este capítulo pretende fazer uma pequena abordagem de como os valores religiosos (religião Islâmica) influenciam nos ritos de iniciação e nos casamentos, considerando que estes dois processos são veículos de transmissão de valores educativos.

#### 1. Os Ritos de iniciação

##### 1.1. Entre os rapazes

Os ritos de iniciação constituem um dos acontecimentos sociais mais importantes na vida de qualquer individuo da população do Ibo, senão de toda a costa do norte de Moçambique. É a partir dos ritos de iniciação, tanto para rapazes como para raparigas, que se transita do estado infantil, para a vida adulta.

A passagem simbólica de criança para a vida adulta envolve a prática dos ritos de iniciação. Estas práticas consistem fundamentalmente em ensinamentos sobre a vida social, que implicam a perda e a aquisição de certos valores dentro da sociedade.

A partir deste momento, o iniciado adquire certos direitos e deveres dentro da comunidade em que ele vive.

A iniciação significa o nascimento social do indivíduo, uma vez que a partir desta participação nos ritos de iniciação a criança passa a integrar-se na sociedade. "O verdadeiro nascimento social ocorre com a participação nos ritos da iniciação"<sup>83</sup>.

#### 1.1.1. Preparação

Antes de a criança ser submetida aos ritos de iniciação, os pais devem preparar o dinheiro para pagar o Neganga<sup>84</sup> e comida que chegue para alimentar o filho enquanto estiver nos ritos de iniciação, comprar bom vestuário para oferecer à criança no dia em que esta sai da iniciação.

Antigamente estes ritos eram realizados no período das colheitas, mas agora realizam-se no período das férias escolares.

---

<sup>83</sup> idem, p.109.

<sup>84</sup> Mestre da operação da circuncisão.

Não existe uma idade pré-determinada para que a criança seja submetida às cerimónias dos ritos de iniciação. Segundo Lacerda, estas cerimónias são realizadas a qualquer idade<sup>85</sup>. Mas segundo algumas pessoas por nós entrevistadas, as crianças geralmente são submetidas às cerimónias dos ritos de iniciação com uma idade de aproximadamente 6 a 7 anos.

Para a realização dos ritos de iniciação, é preciso que haja crianças cujos pais estejam interessados ou tenham condições para que os seus filhos sejam iniciados. Quando um pai tiver um rapaz por iniciar, vai convidar outros pais que tenham filhos nas mesmas condições, para que o número de crianças seja maior.

Quando tudo estiver preparado, um dos pais vai avisar o mestre da operação da circuncisão (Neganga) que geralmente se encontra na machamba, fora da Ilha.

Um facto interessante é que nestas cerimónias assiste-se a um grande envolvimento da cúpula religiosa. Podemos dizer que existe uma tendência de islamização do processo ritual. Isto, porque a circuncisão é um dos aspectos mais importantes na vida social do islamizado. Determinam o comportamento religioso e social do indivíduo islamizado. O "muani" sente-se mais islamizado quando é circuncisado. Importa referir que a

---

<sup>85</sup> LACERDA, Francisco Gavicho de. Os cafres: seus usos e costumes. Lisboa: Livraria Rodrigues, 1970, p.74.

autoridade tradicional na Ilha do Ibo está inserida na orgânica religiosa, isto é, na religião muçulmana. Os "chehes" e mualimos, não só têm o poder religioso, mas também a legitimidade dentro da comunidade. Por isso é que o envolvimento da religião nos ritos de iniciação é grande.

Contrariamente ao que se verifica nos distritos do interior, como são os casos de Namuno, Chiúre, Montepéz, Ancuabe, etc., existe uma pequena separação entre o poder das autoridades tradicionais e o poder religioso. Deste modo, o envolvimento da religião nos ritos de iniciação nesses distritos é menor, além do facto de a influência da religião islâmica no interior não se fazer sentir com tanta intensidade como na zonas costeiras.

No interior houve uma grande influência da acção missionária, principalmente da Igreja católica. Assim quando na aldeia ou na povoação há crianças cujos pais estejam interessados em submetê-las às cerimónias dos ritos de iniciação, eles organizam-se e vão informar ao chefe da aldeia. Antigamente era o "Muene" (Régulo) mas actualmente é o secretário da aldeia. Depois, este convoca os seus subordinados e os chefes das linhagens para com eles discutir as modalidades que se vão seguir.



São convocadas também as pessoas mais importantes da povoação. Trata-se dos anciãos. Segundo Martinez, nessa reunião é convocada a "Pwiamuene", que também tem alguma palavra a dizer apesar de não ter uma participação activa. Por essa razão, o envolvimento dos religiosos não é tão notório.

No litoral, neste caso específico na Ilha do Ibo, os ritos de iniciação entre os rapazes circunscrevem-se à circuncisão. É na circuncisão onde podemos encontrar a grande influência da religião islâmica, uma vez que esta operação constitui um dos elementos sociais mais importantes da vida desta população, porque dá acesso a inúmeros direitos que os circuncisados não tinham anteriormente.

#### 1.1.2. A Circuncisão

"A circuncisão foi introduzida entre os indígenas por indivíduos da raça árabe e por Indianos que a usam principalmente por um mandamento da sua religião"<sup>86</sup>. Nestas sociedades, a circuncisão tem força de lei. A sua operação é muitas das vezes difícil e necessita de um mestre especializado. Não é qualquer pessoa que a faz. Tem que ser uma pessoa dotada de poderes mágicos.

---

<sup>86</sup> Ferreira, Carlos Alberto May Fontes; Breve monografia etnográfica sobre os nativos da circunscrição de Macomia, 1960, p.4.

No dia em que as crianças são levadas para os ritos de iniciação, é-lhes rapado o cabelo. O local da operação fica muito longe da povoação, aproximadamente 1 a 2 km de distância e em língua local este lugar é conhecido pelo nome de "MAHALA PARI KUMBE", que significa "local da circuncisão".

A operação da circuncisão ocorre dentro dumã palhota na qual se coloca uma cama e uma cadeira. O mestre fica sentado na cadeira, a criança é levada de fora para dentro acompanhada por um "MUEDI" (padrinho), que pode ser um familiar seu ou uma pessoa contratada, que vela sobre todos os cuidados dela. O MUEDI senta-se na cama e coloca a criança nas pernas, em boa posição para que o mestre realize a operação sem problemas. A criança fica assegurada entre os braços e as pernas para não se movimentar e por baixo das pernas do padrinho colocam uma bacia com água.

O mestre dá anestesia à criança, puxa a pêle do pênis e corta-a com navalha. O sangue e o pedacinho da pêle do pênis entram na bacia que contém água.

Acabado o trabalho, a criança é levada para um outro lado da palhota onde recebe os cuidados médicos do enfermeiro; aliás,

para além do mestre existem também um ajudante e um enfermeiro. O ajudante é sempre portador de ligaduras com as quais depois da operação enrola o pénis da criança para conter a hemorragia antes dos tratamentos do enfermeiro.

Um aspecto muito importante é que antes do início da operação faz-se uma cerimónia religiosa que se chama "fateha", uma espécie de pedido à Deus para que tudo corra bem.

Depois de operadas as crianças, são levadas para uma casa onde só o responsável do bairro, o "chehe", e algum parente das crianças, em princípio o padrinho, podem entrar.

O padrinho tem uma função muito importante. Ele é que faz a ligação entre o circuncisado e a sua família para dar o ponto da situação, cuida da criança em termos de saúde e leva-lhe de comer.

Durante as cerimónias dos ritos de iniciação, os pais da criança circuncisada não devem manter relações sexuais sob o risco de a criança morrer ou então demorar a cicatrização.

Segundo um dos nossos entrevistados, todos os familiares das crianças circuncisadas pintam-se simbolicamente na testa com o

pó da farinha (mandioca, mapira, milho). Quem não quiser ser pintado paga actualmente um valor correspondente ou que não excede a 1000.00 MT.

Durante a sua estadia no local da circuncisão as crianças são submetidas a ensinamentos, cantarias e batucadas. Essa parte não tem nada a ver com a religião pois é puramente africana ou seja da tradição local. Numa conversa com o representante do Conselho Islâmico no Ibo, ficamos a saber que, as batucadas não têm nada a ver com a religião islâmica. Apenas são para distrair as crianças, para não pensarem na casa. Só no dia da saída é que algo de religioso acontece. Realiza-se uma festa (Maulidi), dança-se o tufo, que é uma dança característica desta população.

#### **Que ensinamentos se dão nos ritos de iniciação?**

Resumindo: todo o ensinamento que se dá às crianças na circuncisão está relacionado com o respeito para com os pais e a partir daí o respeito para com todas as outras pessoas.

Nos ritos ensinam-se, entre outros, os seguintes aspectos:

- Não entrar no quarto dos pais sem primeiro pedir licença porque poderá encontrá-los a manterem relações sexuais;
- Não entrar na casa de banho dos pais sem pedir licença;
- Ajudar os pais em algumas actividades da casa;
- Não insultar os pais nem qualquer outra pessoa;
- Respeitar as pessoas mais velhas; ....

### 1.1.3. A Importância da Circuncisão

Na comunidade "muani" do Ibo, a circuncisão tem uma grande importância. Primeiro, como um acto religioso e depois como um acto de higiene. Quando a pessoa é circuncisada, ela passa a ter um novo estatuto na comunidade, passa a ter alguns direitos e deveres. Geralmente quando um rapaz não está circuncisado é-lhe difícil conseguir uma mulher para casar pois é considerado ainda



criança, mesmo que tenha uma idade avançada. Na óptica das mulheres do Ibo, o pénis não circuncisado é incomodo.

#### 1.1.4. O papel dos ritos de iniciação na educação dos rapazes

As cerimónias dos ritos de iniciação entre os rapazes jogam um papel muito importante. Na óptica de Martinez, o verdadeiro nascimento acontece quando o rapaz é submetido à cerimónia dos ritos de iniciação.

A partir deste momento, o indivíduo pode participar em todas as actividades da comunidade, pode degolar uma galinha, pode frequentar a mesquita, pode participar em cerimónias fúnebres e pode casar-se. De certo modo, enquandra o indivíduo iniciado na comunidade, e a comunidade recebe-o com a garantia de que ele sabe o mínimo da vida sócio-cultural da comunidade em que vive. Educam-no a respeitar a mãe, o pai e as pessoas mais velhas.

Quando o iniciado volta à povoação, em princípio muda de comportamento, graças aos ensinamentos e as ameaças que lhe foram feitas. Toda a educação é personificada na figura da mãe e do pai.

Acreditamos que a circuncisão, como processo, é inteiramente de influência islâmica, admitindo que, os seus vizinhos do interior muitas vezes não praticam a circuncisão como é feita no litoral, mas sim vacinam ou picam o pênis com uma lâmina e jora um pouco de sangue. Havendo casos em que se faz a circuncisão completa, mas isso é só no caso de muçulmanos. Outros aspectos que consideramos serem de influência islâmica são por exemplo, a festa religiosa (Fateha), que se faz antes do início da circuncisão e da festa do maulidi que se faz no dia da saída, acompanhada de uma dança típica da região, o "tufo" conforme dissémos atrás. porém, os cânticos, as batucadas e os ensinamentos são próprios da tradição africana.

#### 1.2. Um olhar sobre os ritos de iniciação entre as raparigas no norte de Moçambique

As raparigas são submetidas aos ritos de iniciação depois do aparecimento das "primeiras regras" de mulher, isto é a menstruação. Este sinal é seguido em toda a costa nortenha, apesar de Martinez defender que, entre os macuas as raparigas podem ser submetidas aos ritos de iniciação sem que lhes apareça a primeira menstruação, só que estas, são separadas da aquelas

que já tiveram e juntas-se-lhe aquelas que ainda não a tiveram<sup>87</sup>.

Mas na nossa óptica, esta afirmação não deve ser generalizada, uma vez que, a maior parte da população desta zona considera a menstruação como sendo o primeiro sintoma da necessidade da iniciação. Daí que, a rapariga que tenha tido esse sinal possa participar nas cerimónias dos ritos de iniciação e receber os devidos ensinamentos. Aliás, mesmo Martinez no fim da sua afirmação chega a dizer que "o ponto culminante do processo formativo dá -se com a aparição da primeira menstruação (NTHUPI), que recebe o nome de OHULA"<sup>88</sup>.

Quando lhe aparece a menstruação, a rapariga pensa que se trata de uma doença. Vai correndo para a mãe para lhe dizer que está doente. Ao receber a notícia a mãe fica muito contente e vai compartilhar o facto com a madrinha. Igualmente mostra a roupa interior da sua filha para provar a veracidade da informação que está a dar.

Em algumas zonas, a partir daquele momento, a rapariga fica fechada dentro duma casa onde a mãe lhe dá os devidos cuidados, explicando-lhe os cuidados higiênicos a ter. Segundo Lacerda, o

---

<sup>87</sup> MARTINEZ, op. cit, p.111.

<sup>88</sup> idem, p.111.



período de permanência da rapariga dentro da casa varia entre os 6 e 7 dias, sendo a mãe quem lhe proporciona todos os cuidados de higiene<sup>89</sup>.

Quando chega o momento da realização das cerimónias comunica-se às "velhas" da povoação, neste caso, as mestres. Antigamente estas cerimónias eram realizadas na floresta para que os homens não pudessem ouvir os segredos das mulheres. Actualmente realizam-se numa palhota dentro do próprio bairro.

Todas as mulheres despem-se, dançam e cantam, dizendo tudo sobre os segredos de mulher, que se circunscrevem à vida sexual.

É muito difícil dizer ao certo o que se ensina nestes ritos, porque se realizam num ambiente de autêntico segredo. Mas em regra geral, são cerimónias que têm por finalidade preparar a rapariga para a futura vida de mulher. Porém, desvendam-se à jovem os mistérios da vida sexual, da maternidade e actividades ligadas à manutenção da futura próle, como práticas agrícolas, confecção de alimentos e bebidas, ao mesmo tempo que lhe ministram ensinamentos sobre a abstinência, jejum e rituais mágicos em certas circunstâncias.

---

<sup>89</sup> cf. LACERDA, op. cit.

No caso específico da zona em estudo, a população muani, ensina-se ainda mais coisas da vida de mulher, chegando mesmo a se ensinar que depois de casadas as mulheres não podem confiar num único marido, que devem ter um amante e a mãe é cúmplice de todo esse processo desempenhando o papel de intermediária entre a filha, o genro e o amante da filha. A título de exemplo, tudo o que o amante comprar para a amiga fica guardado na casa da mãe que por sua vez procura entregar à filha sem que o genro saiba como é que apareceu.

Estas mulheres consideram o sexo como uma fonte de subsistência e de aquisição de bens. Na nossa linha de pensamento, considermos isso de "adultério organizado" que parte dos ritos de iniciação. Na língua kimuani diz-se o seguinte: " KUNO NA KUNO KITUNGA SHIJARI ASSIWE NLUME M'MOJA."(aqui e alí se enche um cesto). As macuas da costa dizem o seguinte: " NLOPUANA KANKALA N'MOZA ", isto para dizerem que uma mulher nunca deve ter um único homem.

Outros ensinamentos são por exemplo a preparação do útero e o orifício vaginal no período de gravidez, metendo o dedo até que o punho aí possa entrar. Isso é feito logo aos 4 meses de gravidez.

## 2. O casamento

O casamento é um elemento muito importante para um ser humano. Na óptica de Oscar Soares Barata, "o casamento regula a relação sexual e as suas consequências"<sup>90</sup>.

O casamento envolve alguns processos e algumas regras. Implica também a definição de direitos e deveres sobre os conjuges, o casamento envolve portanto, a transferência de direitos entre os conjuges e a família de cada um dos conjuges<sup>91</sup>.

### 2.1. "EHARUSI" (a prova da virgindade)

A prova da virgindade é muito importante no processo do casamento. É um dia de preocupação, principalmente para os pais da rapariga. Para tal estende-se um lenço branco na cama, faz-se uma saia de cor branca. O homem é instruído pelo seu padrinho na maneira como vai realizar o processo de desvirginação. A rapariga também é instruída. Uma das instruções que se dá ao homem é o desfloramento à força e não deixar que os espermatozóides penetrem para não misturar os espermatozóides com o sangue. Depois do coito, o homem manda a moça sentar-se na

---

<sup>90</sup> BARATA, Óscar Soares. Introdução às ciências sociais, 3ª edição, v.II, Lisboa, 1990, p.13.

<sup>91</sup> BARATA, idem.

cama, para que a saia e o lenço fiquem pintados de sangue. O homem sai e aparecem as madrinhas que vêm levar a rapariga e vão mostrar à mãe a prova da virgindade. Se for provada que era virgem faz-se o "maulidi".

Se porventura não houver virgindade, o homem está livre de decidir e pedir que lhe seja devolvido todo o dinheiro que pagou. Mas em termos religiosos não é admissível que isso aconteça<sup>92</sup>. Isso é uma vergonha para os pais, uma vez que perdem o respeito e a reputação de bons educadores, principalmente a mãe. Para além do facto de que é o dinheiro o que está em jogo, e podem perdê-lo. Também é muito difícil a moça conseguir um marido porque os homens não vão querer casar com uma mulher considerada leviana.

A prova da virgindade é o ponto máximo da fidelidade de uma moça. Em termos de importância podemos resumir em três pontos:

- Orgulho dos pais quando até ao dia do casamento se prova que a filha não teve relações sexuais com nenhum homem, portanto, é sinal de respeito e boa educação por parte da rapariga;

---

<sup>92</sup> Entrevista com o representante do Conselho Islâmico na Ilha, senhor Sadiquí Amisse Jangar, 1994.

- Orgulho e confiança do homem em relação à rapariga por saber que ele foi o primeiro a manter relações sexuais com ela;
- Um acto rentável para os pais porque o pretendente paga aos pais da rapariga uma elevada soma em dinheiro;

## 2.2. O "NIKHAI" (o processo do casamento)

A primeira questão que nos interessa abordar sobre este aspecto está relacionada com o casamento. Interessa-nos saber como é que estas comunidade definem o casamento.

O casamento nesta comunidade é uma aliança que não só envolve as duas pessoas que se casam, mas sim toda uma relação entre famílias. O casamento acontece quando já foi realizado o harusí. Este processo chama-se Nikhai.

No dia do Nikhai tem que haver um Nikhadi que é um "chehe", um responsável do bairro e duas testemunhas. Antes de começarem com o processo, as duas testemunhas vão para dentro onde se encontra a rapariga para confirmarem se ela gosta do homem ou não.

Depois da resposta, ela volta para fora e no caso positivo recomeça-se com o processo. O "Nikhadi" pergunta ao pai da rapariga o valor do "mahari" que combinou com o noivo, o "nikhadi" pergunta ao noivo se tem o dinheiro combinado e ele responde se tem ou não. Se tiver tira imediatamente e entrega ao "nikhadi" para proceder à entrega ao pai, na presença do responsável do bairro e das duas testemunhas que também recebem o dinheiro para confirmarem antes de o "Nikhadi" proceder à entrega. Uma vez conferido o valor, entrega-se o dinheiro ao pai.

O noivo aproxima-se do "Nikhadi" e este faz a leitura do "Hutuba" que é uma espécie de juramento feito directamente do Alcorão. Acabada a leitura, o "Nikhadi" pergunta ao noivo se tem mesmo vontade de se casar com aquela rapariga. Portanto é o juramento. Depois disso faz-se uma pequena cerimónia, "fateha", e o noivo é levado pelas testemunhas ao encontro da noiva a quem aperta a mão. Esta cerimónia de "Nikhai" realiza-se nas 6ª feiras.

### 2.3. A vida de Casados

Geralmente nesta zona a diferença de idade não pesa muito para o casamento. O marido pode ser mais velho que a mulher.

O homem do Ibo tem o direito de ter muitas mulheres, desde que a sua situação económica assim o permita. Mas só pode casar oficialmente 4 vezes, quer dizer que se pode casar pagando mahari até 4 vezes. Mais do que isso na religião islâmica não é admissível, porque segundo os nossos entrevistados, o profeta Maomé o tinha feito apenas 4 vezes<sup>93</sup>. O homem do Ibo possui a maior parte dos direitos e as mulheres a maior parte dos deveres.

### 2.4. Direitos e deveres dos cônjuges

#### 2.4.1. Os Direitos

O homem tem o direito à satisfação sexual pela mulher, aliás, é uma das grandes recomendações que as mulheres recebem durante os

---

<sup>93</sup> Um dos nossos entrevistados referiu-se ao facto de se poder casar-se 7 vezes.



ritos da iniciação. A mulher tem direito à alimentação, roupa e protecção.

Em casos de divórcio por adultério por parte da mulher, o homem tem o direito de reaver todos os bens incluindo a roupa.

#### 2.4.2. Deveres:

São deveres do homem, dar de comer e de vestir à mulher. É de salientar que, as mulheres "muani", senão de toda a costa nortenha, são muito exigentes em panos, cigarros e boa alimentação. O homem ainda tem o dever de construir a casa para viver com os filhos.

A mulher por seu turno tem o dever de cuidar da casa, cozinhar para o marido e para os filhos, educá-los, mandá-los à madraça ou à escola, cuidar da criação de animais domésticos. É também dever da mulher fazer machamba no continente, cabendo ao homem ir entregar o petróleo e os alimentos. São raros os casos em que a mulher participa nas decisões da casa. Caso o homem seja um negociante ou um pescador ambulante, muitas das vezes não sabe dos rendimentos desta actividade. Só vê o marido a trazer - lhe a roupa para se vestir.



## 2.5. O divórcio

As causas do divórcio são várias e muitas das vezes não coincidem. Mas existem aquelas que são mais frequentes. Dai que, façamos referência às que nós achamos como sendo mais frequentes.

A partir das entrevistas que fizemos na ilha do Ibo, chegamos a constatação de que o papel que os homens têm dentro dum lar faz com que eles decidam divorciar-se com a esposa sem consentimento desta e mais ninguém.

Quando nos debruçamos sobre os casamentos dissémos que o homem "Muani" pode casar-se com tantas mulheres quantas ele quizer dependendo das suas capacidades económicas. Da mesma maneira pode abandonar uma mulher entregando simplesmente o "ETALAKA", uma espécie de declaração de divórcio. Esta declaração entrega-se depois de passarem três meses de reflexão, e durante estes três meses a mulher não pode casar-se com um outro homem.

Há casos em que o ex-marido pretende voltar a viver com para a mulher. Aí terá que pagar novamente o "mahari". Se for um outro homem que queira casar-se com a senhora já divorciada, este também terá que pagar o "mahari". O valor do "mahari" diminui em função da idade da mulher.

O homem pode divorciar-se de uma mulher e tornar a casar-se com ela durante 4 vezes. Isto significa que só é admissível dar ETALAKA à mesma mulher 4 vezes.

Entre as principais causas de divórcio nesta região apontam-se o adultério e a esterilidade. Mas a mais frequente é o adultério

por parte da mulher, uma vez que praticado pelo homem muitas das vezes não tem efeitos destrutivos no lar.

As mulheres são consideradas propriedades exclusivas dos maridos. Portanto, não se trocam. Daí que o adultério provocado pelas mulheres resulte em divórcios.

No que toca à esterilidade, o divórcio acontece quando há um interesse comum ou de um dos lados (do cônjuges) em ter um filho, mas que não podem ter por causa deste fenómeno. É claro que não se divorciam logo. Primeiro procuram maneiras de resolver através de curandeiros e só depois de ver que não resulta é que recorrem ao divórcio, que pode surgir tanto pelo lado do homem como da mulher.

#### **2.5.1. Divisão de bens em casos de divórcio por adultério da mulher**

Caso ocorra um divórcio por alegado adultério imputado à mulher, a divisão de bens depende da vontade do marido. O marido pode reapropriar-se de tudo o que tiver comprado para a mulher incluindo roupas do corpo, ou pode sentir pena em caso de possuir filhos com ela. Mas actualmente as estruturas do governo tentam colmatar esta situação impedindo que o homem arranque tudo à esposa. Quanto à posse dos filhos, estes geralmente ficam com a mãe.

#### 2.5.2. Divisão de bens em casos de divórcio por esterilidade de um dos elementos do cônjuges

Se for a esposa a decidir deixar o marido por este ser estéril, geralmente abandona a casa indo casar-se com um outro homem. Se isso acontecer, o homem poderá não deixar que a esposa leve qualquer coisa consigo. Se for o homem a decidir deixar a mulher ele tem a obrigação de repartir os bens ou de igual para igual ou mais que metade, porque a esposa não é culpada pela esterilidade, que é uma acção de Deus, de acordo com a visão local.

## CONCLUSÕES

Este trabalho tem por objectivo principal dar bases para a compreensão da temática que está sendo tratada e chamar atenção da importância que esta tem. O mesmo, não se pode considerar como um trabalho já acabado, mas sim como um contributo valioso que abre caminho para futuras investigações.

A recolha das informações obedeceu todos os critérios metodológicos exigidos para um trabalho científico, embora durante a sua realização tenhamos muitas limitações no que concerne a sua efectivação, uma vez que alguns dos aspectos metodológicos dependem de vários factores entre eles destaca-se o financeiro.

Do trabalho constatámos que a ilha do Ibo foi desde longos séculos palco de interpenetrações culturais de povos provenientes de vários e diferentes quadrantes do mundo. De destacar as presenças persa, árabe, portuguesa e francesa, inglesa e alemã. A mais notória de todas estas foi a presença de povos da cultura islâmica. Isso foi devido à emigração de povos islamizados (swahili) de Zanzibar, Quíloa e Mombaça a partir de o século VII, em direcção ao sul e em contacto com os povos de origem macua que habitavam a costa nortenha o que resultou, de certo modo, no aparecimento de núcleos populacionais islamizados principalmente nas ilhas. No caso específico da ilha do Ibo, apareceu a comunidade "Muani".

Estes povos islamizados, trouxeram consigo uma gama de hábitos e costumes típicos da religião islâmica. O acesso à Costa Oriental da África facilitou as emigrações de povos oriundos do interior do continente. Isso aliou-se ao factor mar que deste os tempos

remotos, constituiu um meio de contacto com povos de outros continentes<sup>94</sup>. Com esta afirmação pretendemos mostrar o papel importante desempenhado pela Costa Oriental e pelo Oceano Índico para tais interpenetrações culturais.

O elemento islâmico na comunidade "muani" encontra-se patente em todos os aspectos da vida sócio-cultural, principalmente no aspecto educativo.

Desse trabalho pode-se constatar que a educação islâmica na ilha é uma realidade cultural existente e que não pode ser ignorada, porque significaria deixar de lado um grande elemento que garante a estabilidade social da comunidade, através das normas, regras e leis, que o seu cumprimento é condição necessária para a manutenção da ordem social.

Os veículos da educação islâmica são as mesquitas, as madraças, a prática dos ritos de iniciação e também os casamentos.

As mesquitas e a madraças constituem elementos importantes que garantem a continuidade da educação e da difusão da religião islâmica. Enquanto os adultos frequentam as mesquitas, que para além de constituir lugares de culto, são também locais de transmissão da cultura islâmica, onde se discutem problemas e se traçam normas culturais que regem esta comunidade, as crianças frequentam as madraças como forma de preparação para a sua integração na comunidade islâmica. Na madraça as crianças aprendem a interpretação do alcorão, história de Maomé e do

---

<sup>94</sup> SHERIFF, Abdul M; " A costa da África oriental e o seu papel no comércio marítimo". In: G. Mokhtar (coordenador do volume ); História geral da África: II A África Antiga, Ática/Unesco, pp.565 - 580.

aparecimento da religião islâmica, a purificação do corpo, aprendem a língua árabe para além das normas de respeito geral.

No que respeita aos ritos de iniciação e aos casamentos, podemos dizer que, a maior parte dos seus principais aspectos são islâmicos embora não seja em toda sua essência, uma vez que, há uma grande influência da forma com os seus vizinhos do interior praticam.

Tentando fazer uma espécie de selecção dos aspectos mais notórios do que é da influência islâmica e o que é da tradição local nos dois processos podemos constatar o seguinte: nos ritos de iniciação entre os rapazes, a circuncisão, a fateha, o maulidi entre outros aspectos da educação são inteiramente de influência islâmica. As torturas, os cantos, as ameaças entre outras coisas são aspectos puramente da tradição local, admitindo que os seus compatriotas do interior também as praticam.

Quanto ao casamento, temos a dizer que é realizado a modelo islâmico, havendo poucos elementos de influência da tradição local, é claro que actualmente o aspecto islâmico pode não ser seguido na sua integra, admitindo que há uma junção de diferente culturas. Assim, o "Eharusi" (prova da virgindade), o "Nikhai" (o casamento), "Etalaka" (declaração de divórcio entregue à mulher), o "Mahari" (compensação matrimonial), o "Huthuba" (juramento lido directamente do Alcorão), a "Fateha" (cerimónia de pedido à Deus antes do início dos ritos de iniciação), o "Maulidi" (festa depois dos ritos de iniciação), entre outros aspectos, são também de influência islâmica<sup>95</sup>.

---

<sup>95</sup> Segundo os nossos entrevistados, existem muitos aspectos típicos da influência islâmica que antigamente eram pela lei corânica respeitados mas que actualmente estão sendo

## Glossário

- Eharusi - prova da virgindade
- Etalaka - declaração de divórcio entre a mulher divorciada pelo ex-marido;
- Fateha - cerimónia de pedido à deus e que se dedica aos antepassados
- Hadissi - história da origem do Islamismo
- Mahari - compensação matrimonial
- Maulidi - festa da religião islâmica
- Nikhai - processo do casamento
- Nlimo - interpretação do alcorão
- Nbau - ardósia (um quadro feito de madeira)
- Neganga - mestre da operação de circuncisão

---

adulterados. Isto deve-se ao facto de as prática tradicionais terem sido banidas depois da independência. E também há que ter em conta ao factor guerra que levou a imigração de muitas populações do interior que praticam ritos de iniciação e casamentos de diferentemente da ilha.

#### 4. BIBLIOGRAFIA

1. ALMEIDA, João Ferreira de e José Madeira Pinto. A investigação nas ciências sociais : Lisboa Editorial Presença, 1980, 163 p.
2. ALPERS, E. A. Gugerat and the trade of East Africa c. 1500-1800.  
In : The International Journal of African Historical Studies, New York, vol.9, nº. 1 , 1976, p. 22-44.
3. AMORIN, Amadeu Pacheco de. Relatório da inspecção ordinária ao concelho do Ibo do distrito de Cabo Delgado (1951-1961). Quissanga, 1962, 43f. Dactilografado.  
[ Arquivo Histórico de Moçambique, Administração Civil, Inspeção dos Serviços Administrativos e Negócios Indígenas, cx.90].
4. BAPTISTA, Abel dos Santos. Monografia etnográfica sobre os macuas : Breve ensaio etnográfico sobre a nação macua, dos Distritos de Cabo Delgado, Nampula e Quelimane . Lisboa : Agência Geral do Ultramar, 1951, 59 p.
5. BENNETT, Norman R. The arab impact. In: Zamani : A survey of east african history. Nairobi : EAPH, 1973, p. 210-228.
6. BENTO, Carlos Lopes. A posição geopolítica e estratégica das Ilhas de Querimba-as fortificações de alguns dos seus portos de escala (se. XVI-XIX). In Leba, Lisboa, nº.7, 1992, p. 325-339, il.
7. \_\_\_\_\_ . As ilhas de Querimba ou de Cabo Delgado: situação colonial, Resistência e Mudanças (1742-1822), V.I. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 1993, 572 p.
8. BOXER, C. Ralph Querimba Island in 1744. In : Studia, Lisboa, nº.11, 1963, p.343-353.
9. CANCELA, Alexandre. Uma opinião sobre as práticas de iniciação macua . In : Contributo para uma política social moçambicana. Braga, Portugal : Editorial Pax, o.p. 35-55.
10. CHITTICK, H.N. The Shirizi colonization of East Africa. In: Journal of African History, vol.6, nº.3, 1965, p. 275-294.





11. **COOPER, Frederick.** Islam and cultural hegemony : The ideology of slaveowners on the east african coast. In : The ideology of slavery in Africa, Beverly Hills, Californis; London : Sage Publications, 1981, p.271-307.
12. **CONCEIÇÃO, Lino Augusto da.** Os macuas (monografia). Lourenço Marques, 19 p. Dactilografado (AHM., Secção Especial, a. III, p.6, nº.33).
13. **CYLINDO, António da Câmara.** Quiçanga. In : Relatórios e informações : anexo ao boletim oficial, anno de 1910. Lourenço Marques : Imprensa Nacional, 1910, p. 210-219.
14. **FERREIRA, Carlos Alberto Ney Fontes.** Breve monografia sobre os nativos da circunscrição de Macomia. Muagide, p.12.. Dactilografado [AHM S.E, a.V, P.7, nº 287].
15. Emacipação e Libertação da mulher : O papel dos ritos de iniciação na sociedade tradicional. In : Tempo, Maputo, nº.290, de 25 de Abril de 1976.
16. **FREITAS, Nuno Ivens Ferraz de.** Monografia etnográfica sobre os macuas . Lourenço Marques, 1963, 3 p.. Dactilografado. [AHM, SE, nao registado].
17. **GASPAR, Robert.** Cristianismo/Islamismo. Porto, Portugal: Editorial Perpétuo Socorro, 1991, 197 p. (Col. Problemas de hoje, 18).
18. **GERARD, Constantino.** Algumas datas e factos acerca das Ilhas de Quirimba, mais tarde designadas por Ilhas de Cabo Delgado. [Seguido de : ] Relação dos governadores das Ilhas de Querimba, mais tarde designadas por Ilhas de Çabo Delgado. [s.l. : s.n., 196-?], 25+9 f.Dactilogrado [AHM. SE, a.v, p.2.nº65].
19. **IDEIAS, Manuel Nunes dos Santos.** Monografia etnográfica sobre a tribo macua de Moçambique, 18 p. Dactilografado [AHM, SE, não registado].
20. **MATOS, Joaquim Manuel Barbosa de.** Os macuas (monografia). Nampula, 6 p. . Dactilografado. [AHM, SE, a. III, p. 6, nº.48].

21. **MEDEIROS, Eduardo.** Ritos iniciáticos da puberdade : materiais para o estudo dos ritos iniciáticos femininos e masculinos da puberdade, no Norte de Moçambique. Notas de campo, compilação de textos inéditos, anotações e investigação bibliográfica de. Maputo: [s.n.], 1982. Dactilografado.
22. **MATOS, Alexandre Valente.** Provérbios macuas. Lisboa : Junta Científicas do Ultramar, 1982, 376p.
23. **MONTEIRO, Fernando Amaro.** As comunidades islâmicas de Moçambique : Mecanismos de comunicação . In : Africana, Porto, nº.4, 1989, p.63-89.
24. \_\_\_\_\_ .Confluência sócio-religiosa na África Oriental. In. Africana, Porto, nº.3, 1988, p.145-181.
25. **NICHOLLS, C.S.** The swahili coast : Politics, Diplomacy and Trade on the East Africa litoral 1798-1856. London: George Allen & Unwi, 1971, 419 p. (St. Antonys Publications, 2).
26. **NURSE, Derek and Thomas Spear.** The swahili: Reconstructing the history and language of an african society, 800- 1500. Philadelphia : University of Pennsylvania, 1985, viii+133p.
27. **OLIVEIRA, Baptista de .** [ Apontamento sobre o estudo do Arquipélago das Quirimbas]. [s.n.Aspectos da vida macua : Considerações etnosociais, socioeconomicas e sociopolíticas sobre a vida dos povos do Norte de Moçambique. Lisboa : Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas Ultramarina, Universidade Técnica de Lisboa, 1964, vi+170f. Dissertação de licenciatura.
28. **PEREIRA, Luis Filipe.** A criação da Afândega da Ilha do Ibo e a contribuição para o comércio e a vida de Moçambique no séc.XVII. Coimbra : Universidade de Coimbra, 1970, viii+226f. Dissertação de licenciatura.
29. **POWELS, Randall L.** Horn and crescent : Cultural change and traditional Islam on the East African coast, 800- 1900. Cambridge [etc] : Cambridge University Press, 1987, xiv+273p.

30. **RITA-FERREIRA, António.** Alguns aspectos materiais da civilização swahili em Moçambique. In : Leba, Lisboa, nº.7, 1992. p. 319-325.
31. \_\_\_\_\_ . Povos de Moçambique : História e cultura. Porto, Portugal: Afrontamento, 1975, 378p. "Resistência em Moçambique : O caso dos swihilis, 1850-1913 ". In : Iª. Reunião Internacional de História de Africa. Relação Europa-Africa no 3º. quartel do séc.XIX : Actas, ed.org. por Maria Emília Madeira Santos. Lisboa : Centro de estudos de História e cartografia antiga, Instituto de Investigação Científica e Tropical, 1989, p. 581-615.
32. \_\_\_\_\_ . Moçambique e os Naturais da Índia Portuguesa. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 1985, 645 p.
33. **ROCHER, Guy.** Sociologia Geral : A organização social. Lisboa: Editorial Presença, 1989, vo..2: 246p.
34. **RZEWUSKI, Eugeniusz.** "Mother tongue/ father tongue convergence: On swahilization and deswahilization in Mozambique. In: DOW, James R. & STOIZ (HGG), Thomas. Akten des 7. Essener kolloquiums uber "Minoritaten-sprachen/Sprachminoritaten", Vom 14.-17.6. 1990 an der Universitat Essen, p. 267-307.
35. **SANTOS, Frei João dos .** Etiopia Oriental. Lisboa [s.n.], 1891, 2 vol : 414p. , 390p. (Biblioteca de autores portugueses).
36. **SHERIFF, Abdul M. H.** a costa da África Oriental e o seu papel no comércio marítimo. In: História Geral de África: II . A África antiga, coord. por G. Mokhtar. São Paulo : Atica ; Paris : UNESCO, 1983,p. 565-580.
37. **VILHENA, Ernesto Jardim de.** A influência Islâmica na costa Oriental de África. In: Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa , 24ª. série, nº.5, 1906,p. 133-146; nº.6, 1906,p.166-180; nº.7, 1906, p. 197-218.
37. \_\_\_\_\_ . Relatório e memórias sobre os territórios. Lisboa : Typographia A Editora, 1905, 443+35p.

Anexo. i

### O origens do Islamismo

O islamismo surge no século VII na Arábia, depois do Cristo. Nessa época havia dois grandes impérios na região; o Império Cristão de Bizâncio e o Império Persa, de religião zoroástica cuja capital era Etesifonte perto de Bagdade. Na mesma altura todo o Oriente encontrava-se em constantes lutas<sup>1</sup>.

Medina e Meca eram as cidades mais desenvolvidas na região. A população praticava na altura as "religiões tradicionais, o politeísmo, pedras erigidas, árvores sagradas, adivinhas, e cada tribo tinha o seu Deus muitas das vezes casado com uma deusa"<sup>2</sup>. Com esta citação pretendemos dar o quadro religioso da época na Arábia antes do islamismo.

O monoteísmo surge com a destruição do templo de Jerusalém no ano 70 d.c., quando se implanta o Judaísmo rabânico. Na mesma altura, o cristianismo já estava a expandir-se.

Mohammed, ou Maomé como é conhecido é o fundador do islamismo, nasceu em 570 d.c em Meca, é do clã Haximita. Ficou orfão ainda muito jovem, viveu com o seu avô depois viveu com o seu tio. Maomé ainda jovem viajou pelas terras da Síria, Palestina, e Iraque onde o cristianismo já tinha bases. Foi nestas regiões onde teve o conhecimento da tradição bíblica<sup>3</sup>.

Aos 30 anos casou-se com uma viúva rica de nome Kadidja cuja fortuna ele administrou.

---

<sup>1</sup> Gaspar, Robert. *Cristianismo/Islamismo*. Porto: Editorial Perpetua Socorro, 1991, p.13

<sup>2</sup> idem.

<sup>3</sup> idem.

"A tradição muçulmana diz que ele isolou-se durante longos dias numa caverna das proximidades de Meca para meditar sobre os problemas religiosos. Numa certa noite em 610 d.c., teve uma visão com um anjo. Este anjo ordenou-lhe que anunciasse em nome de Deus, que era o único criador e que só ele era digno de ser adorado. Depois de tanto hesitar foi cumprir a sua missão, primeiro na sua terra natal em Meca de 610 a 622 d.c, depois para as restantes regiões"<sup>4</sup>.

As suas pregações não eram bem vistas no seio da tribo no poder, os Coraixitas. Assim começou uma grande perseguição, o que lhe levou a emigrar para Medina. Esta emigração ficou conhecida nos dogmas muçulmanos como Hégira. Foi em Medina onde viria a morrer em 632. d.c.

Durante a sua estadia em Meca Mohammed sempre tomou posições de reivindicação contra a opressão e a injustiça. "No alcorão anuncia o fim do mundo, a ressurreição dos mortos, o seu julgamento e retribuição de acordo com os seus actos: o paraíso para os justos e o inferno para os injustos"<sup>5</sup>. A aristocracia de Meca reagiu violentamente alegando que isto punha em causa a estabilidade das bases sócio-económicas.

A sua chegada em Medina em 622 d.c., marcou o início da contagem da era muçulmana ou hegiriana<sup>6</sup>.

Nos primeiros 10 anos ele dedicou-se à organização do novo Estado muçulmano e à proclamação de guerra Santa contra os inimigos do Islão em particular os judeus de Medina que foram expulsos e aniquilados. Este período foi de intensas lutas para garantir a

---

<sup>4</sup> idem.

<sup>5</sup> ibid,p15

<sup>6</sup> idem.

expansão e estabilidade do Islão. Fala-se das vitórias de Bedre em 624 d.c., da derrota de Ohod em 625 d.c., e do sucesso da guerra de Fosso perto de Medina em 627 d.c., e da marcha sobre Meca sem conseguir lá entrar em 628 d.c., e finalmente a tomada da cidade em 630 d.c.<sup>7</sup>.

Maomé morreu em 8 de Junho de 632 d.c., devido a uma eplepsia. Na altura da sua morte, tinha cerca de três esposas mais celebres nomeadamente AICHA, HAFSA e ZEINAB, para além de outras, embora algumas não fossem oficiais. Maria foi a única que lhe tinha dado um filho rapaz, a quem veio a dar o nome de Ibrahim (Abraão)<sup>8</sup>, mas morre com 2 anos de idade. Sobreviveram apenas as 4 filhas de Kadidja, entre as quais Fátima que viria casar-se com o seu primo Ali.

Nas sunas de Medina são consagradas as preocupações mais importantes deste período: primeiro a Guerra Santa, em seguida a organização social e jurídica da nova comunidade através de longos versículos. Esses versículos determinavam as regras dos casamentos, das heranças e dos contratos. O Profeta era o chefe espiritual e temporal deste Estado teocrático<sup>9</sup>.

A morte do Profeta criou certos problemas de sucessão e toda a comunidade ficou abalada. Este período coincide com as primeiras expansões do Islamismo para fora da Arábia.

Depois de muita confusão foi obtido um o acordo para se encontrar o seu sucessor. "Assim, foi reconhecido provisoriamente Abubakar

---

<sup>7</sup> idem.

<sup>8</sup> Este nome parece ter aparecido a partir dos seus conhecimentos da Bíblia, embora não tenhamos encontrado alguma obra que confirme isso. Mas Robert refere que Maomé teria adquirido alguns conhecimentos bíblicos durante as visitas que efectou pela terras da Síria, Iraque entre outras regiões.

<sup>9</sup> ibid, p18.

que reinou entre (632-634), depois sucedeu-lhe Omar conhecido como grande organizador (634-644) e Othman, aristocrata de Meca (644-656). Foi com este três califas que o Islamismo conheceu as suas primeiras expansões para fora da Arábia acompanhadas de guerras, nomeadamente a Síria. A palestina é conquistada em 626 d.c., o Iraque em 638 d.c, o Egipto em 640 d.c e para Este é a Asia Menor, e para a América"<sup>10</sup>. Como estamos vendo, a expansão do Islamismo não se fez pacificamente. Ela foi conseguida através de guerras. Se nos recordamos, no princípio referimo-nos ao facto de que uma das tarefas de Maomé em Medina, foi a proclamação da Guerra Santa contra os inimigos do Islão.

Em 656 d.c., Othman é assassinado por muçulmanos e Ali primo e genro do profeta é eleito califa, apesar de muita contestação. Nesse momento eclode uma guerra pelo poder entre Ali e Muawiya (o Governador de Damasco), este com o apoio dos habitantes de Meca".

Muawiya, vence a guerra e funda a primeira dinastia muçulmana, a dos Omíadas (658-750); a partir daquele momento a comunidade muçulmana divide-se definitivamente em três ramos inimigos:

- a) "Os sunitas ou ortodoxos, que seguiam o Califa, Muawiya e representavam 9/10 dos muçulmanos.
- b) Os xiitas, partidários de Ali, Califa de direito da família do profeta. Estes são numerosos no Iraqui e Irão onde o xiismo é religião do Estado, na Índia e no Paquistão. A sua história é resumida em lutas. Ali é assassinado em 661 d.c. O seu filho Hussein sucede-lhe, mas é morto em Karbala (Iraqui) em 680 d.c.
- c) Os coradjitas, independentes dos sunitas e dos xiitas constantemente sacrificados e perseguidos, rigoristas e

---

<sup>10</sup> cf. Gaspar, Robert, p.18

<sup>11</sup> ibid, p18

puritanos. Estes encontram-se em pequenos grupos no Mzab argelino (Mozabitas a Gardaia), na ilha tunisina de Djerba, no Djebel Nifusa líbio; em Omã da península Arábica"<sup>12</sup>.

Os muçulmanos conquistaram o Magrebe entre 670-682 d.c, atravessam o estreito de Gibraltar e em 711 d.c., conquistam a Espanha muçulmana e o sul da França, com incursões até Dijon e Luxewel. No médio oriente atingiram o Indo em 707 d.c. Na parte norte conquistaram todo o sul da ex- URSS até a Turquistão chinês, Oxaian Jiang (Sin-Kiang).

A dinastia dos Omiadas foi substituída pela dinastia dos Abassidas em virtude do seu declíneo.

A dinastia dos Abassidas reinou de 750 d.c até ao século xv, tendo Bagdade como capital.

Segundo Gaspar, durante os séculos do dominio dos abassidas, no Magrebe e na Espanha muçulmana, desenvolveram-se poderosas penetrações dos Almorávidas vindos da serra espanhola (1053-1275) o que levou ao seu declíneo. No mesmo período, Granada foi o último estado muçulmano na Espanhã a cair em 1492.

"A última dinastia muçulmana é a do califado Othomano (1500-1924), fundado pelos turcos da Anatólia. Esta dinastia tinha um grande poder militar e administrativo, que durou quatro séculos exceptuando o Irão dos Soviéticos, a Índia dos Mongóis e Marrocos"<sup>13</sup>.

Os Othomanos tomaram Constantinopla em 1453, pondo fim ao Império

---

<sup>12</sup> idem, p18

<sup>13</sup> idem.



de Bizancio e a cidade torna-se sua capital com o nome de Istambul. Conquistaram os Balcãs e avançaram até ao centro da Europa. A partir do século XIV o Islão estende-se pela Indonésia e pela África ao sul do Saara<sup>14</sup>.

Segundo GONÇALVES, José Júlio, os países com maior número de população islamizada são: "Arabia Saudita; Egipto; Síria; Libano; Paquistão; União Indiana; Líbia; Turquia; Jordânia; Iraque; Sudão; Irão; Etiópia; Marrocos; Tunísia; Argélia; Iemen; Chipre; Tailândia (Sião); Federação da Malásia; China; URSS; Afeganistão; Ceilão; Indonésia; Caxemira; Uganda; Quênia; Somália; Tanzânia; Ruanda; Congo-belga; Eritreia; Hong-Kong; Adenas; Oman; Baharein; Formosa; Coreia; Japão; Indochina; Filipinas; Birmânia; Israel; Ifrar; Serra (Esponhol); Serra Leoa; Libéria; Ghana; Togo; Camarões; [ex-Federação das Rodésias; ex-Niassalândia]; Madagáscar; Comores; Reunião; Maurícias; Seycheles; Zanzibar; Austrália; Nova Guiné; Ilhas Fidje; Nova Caledónia; Hawaii; Haiti perfazem um total de 350.000.000 a 400.000.000 muçulmanos. Os árabes muçulmanos são cerca de 10.000.000 a 12.000.000"<sup>15</sup>.

Como aconteceu com outras religiões, o islamismo sofreu também grandes cisões que levaram à divisão do mundo islâmico em dois grandes ramos, o considerado ortodoxo e o dito Islão, herético. Os ortodoxos são os Sunitas. Estes acrescentaram no corão as sunas de Maomé, é o grupo maioritário que corresponde a 91,25% dos muçulmanos. O segundo ramo é o dos heréticos constituídos pelos Xiitas, cerca de 8% dos muçulmanos, e pelos Korajitas com cerca de 0,25%. A cisão não reside no ponto de vista religioso mas sim no direito público<sup>16</sup>.

---

<sup>14</sup> idem.

<sup>15</sup> cf. Gonçalves, J.J, op.cit.p.25

<sup>16</sup> ibid, p.30

Existe uma série de controvérsias no que diz respeito à legitimidade do poder quanto a sucessão política. Importa referir que os chefes religiosos também eram detentores do poder político. Assim, iniciou-se um longo processo de desagregação e hoje são conhecidas cerca de 73 seitas.

"Nos ortodoxos podemos notar que existem cerca de 4 escolas nomeadamente Hanafitas; Chafiitas; Malaquitas; Hambalitas. A escola dos Hanafitas engloba cerca de um terço dos muçulmanos Sunitas e estende-se por uma grande parte da URSS e quase todo o território da Turquia e do Egípto. A escola Malaquita é frequentada por cerca de um sétimo dos muçulmanos Sunitas e estende-se por todo o Magrebe; Os Chafiitas estendem-se pelo território da Síria, Indonésia, África Oriental. E finalmente os Hambalitas que constituem um grupo de menor projecção com uma pequena população na Arábia. O segundo grande grupo que é o dos ditos Heréticos, o grupo Xiita é mais importante e engloba seitas como a Ismaelita, que tem muita aceitação na Índia e em Moçambique"<sup>17</sup>.

De todas as seitas que integram o Xiismo, a mais poderosa é a dos chamados "assassinos", que surgiu no século.XI, fundado por um nativo Persa de nome Hassan-Ben-Sabbah natural de Khorassan. Segundo GONÇALVES, "Hassan era conhecido por velho da montanha apoiava-se num grande conjunto de praças fortificadas tanto na Pérsia como na Síria e o seu domínio estendeu-se rapidamente graças aos sectários dedicados, fanatizados pelo cânhamo-da-Índia ou Haxixi (Daí o nome de assassinos)"<sup>18</sup>.

Em todo o lado nota-se o aparecimento de seitas como é o caso do salafismo que prega reformas do Islamismo. Na Argélia surge no Século XVII o Semussismo fundado por Sid Mohammed Ben Ali Ben

---

<sup>17</sup> *ibid*,p.31

<sup>18</sup> *ibid*, p32

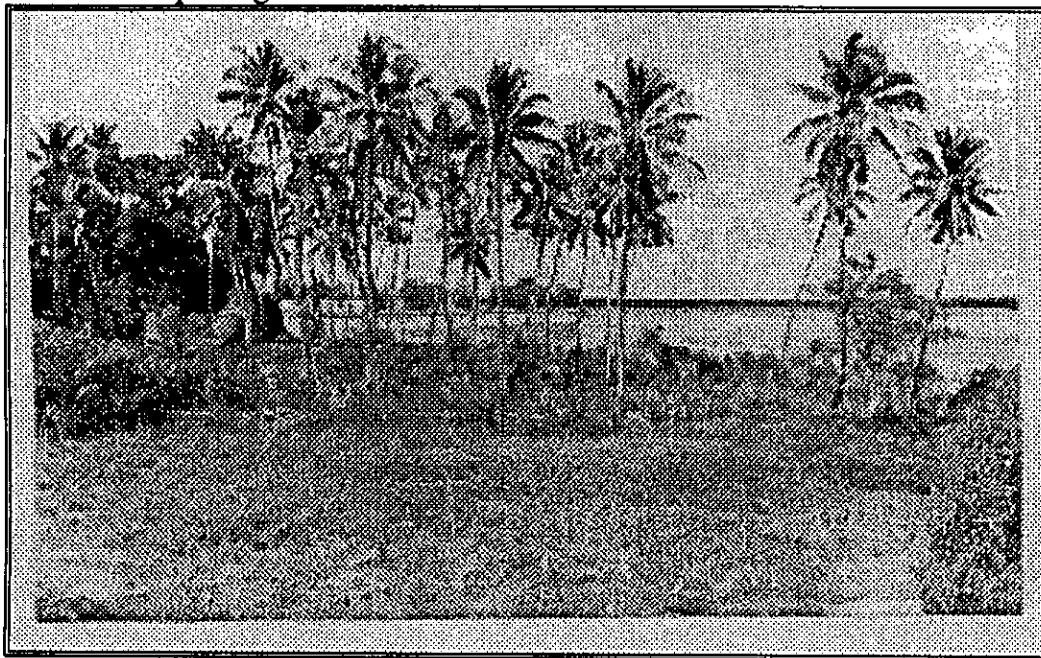
Semoussi. Na África Ocidental emerge o Mourdismo e o Hamalismo e pode-se falar também do Sufismo<sup>19</sup>.

---

<sup>19</sup> idem.

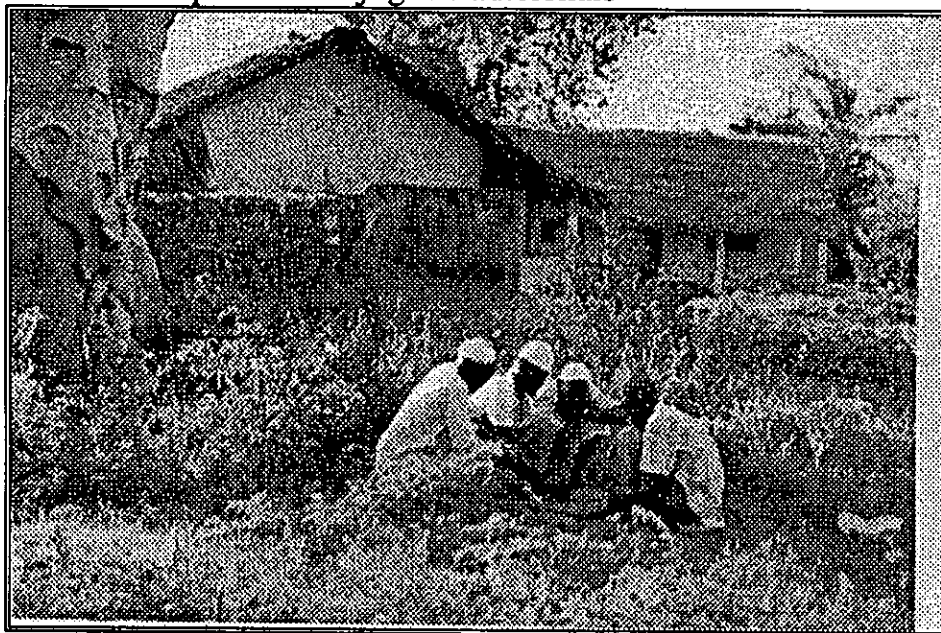
## Anexo ii

### 1. Uma das paisagens da ilha do Ibo



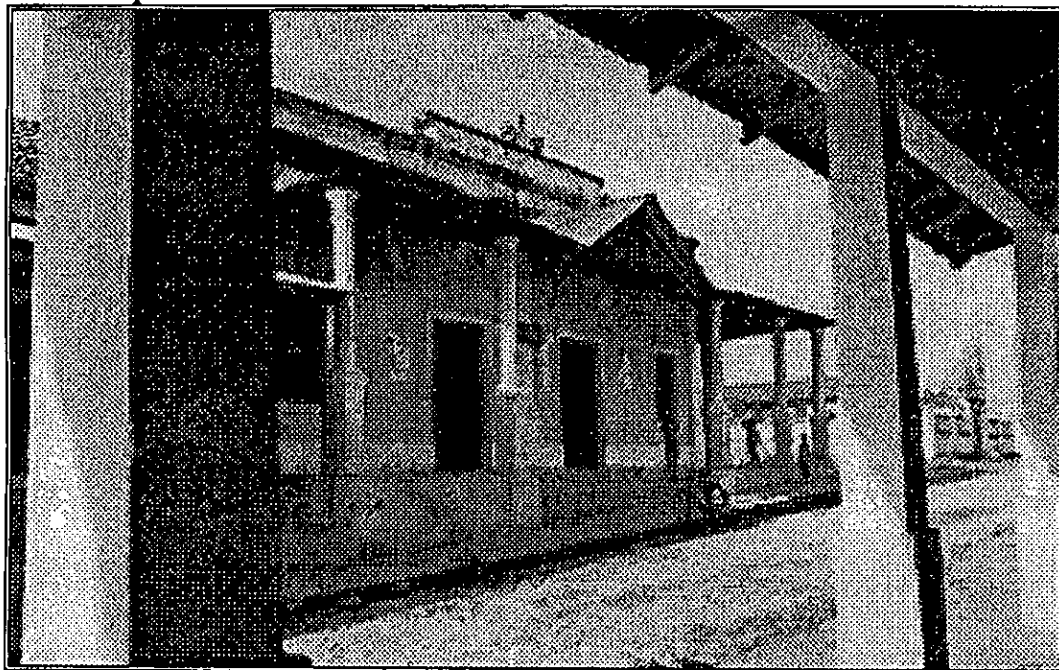
Fonte: Fotos de Eduardo Medeiros

### 2. Aspectos dos bairros de Macúti e vê-se também algumas pessoas residentes a praticarem jogos tradicionais



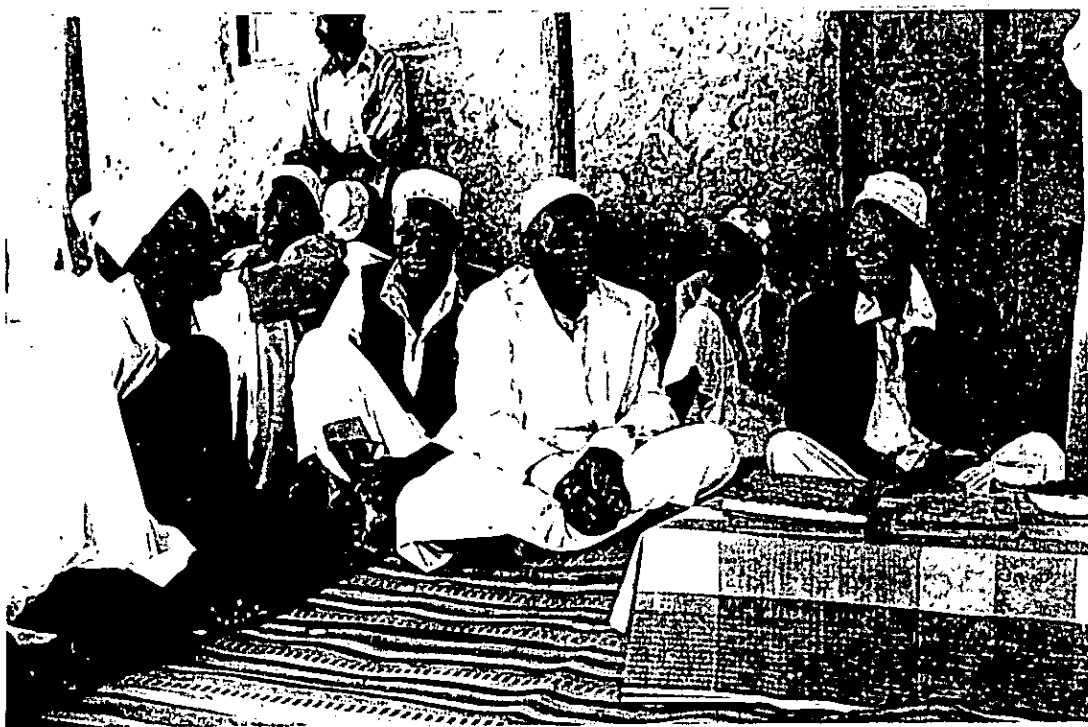
Fonte: Fotos de Eduardo Medeiros

3. Vista parcial da Vila do Ibo

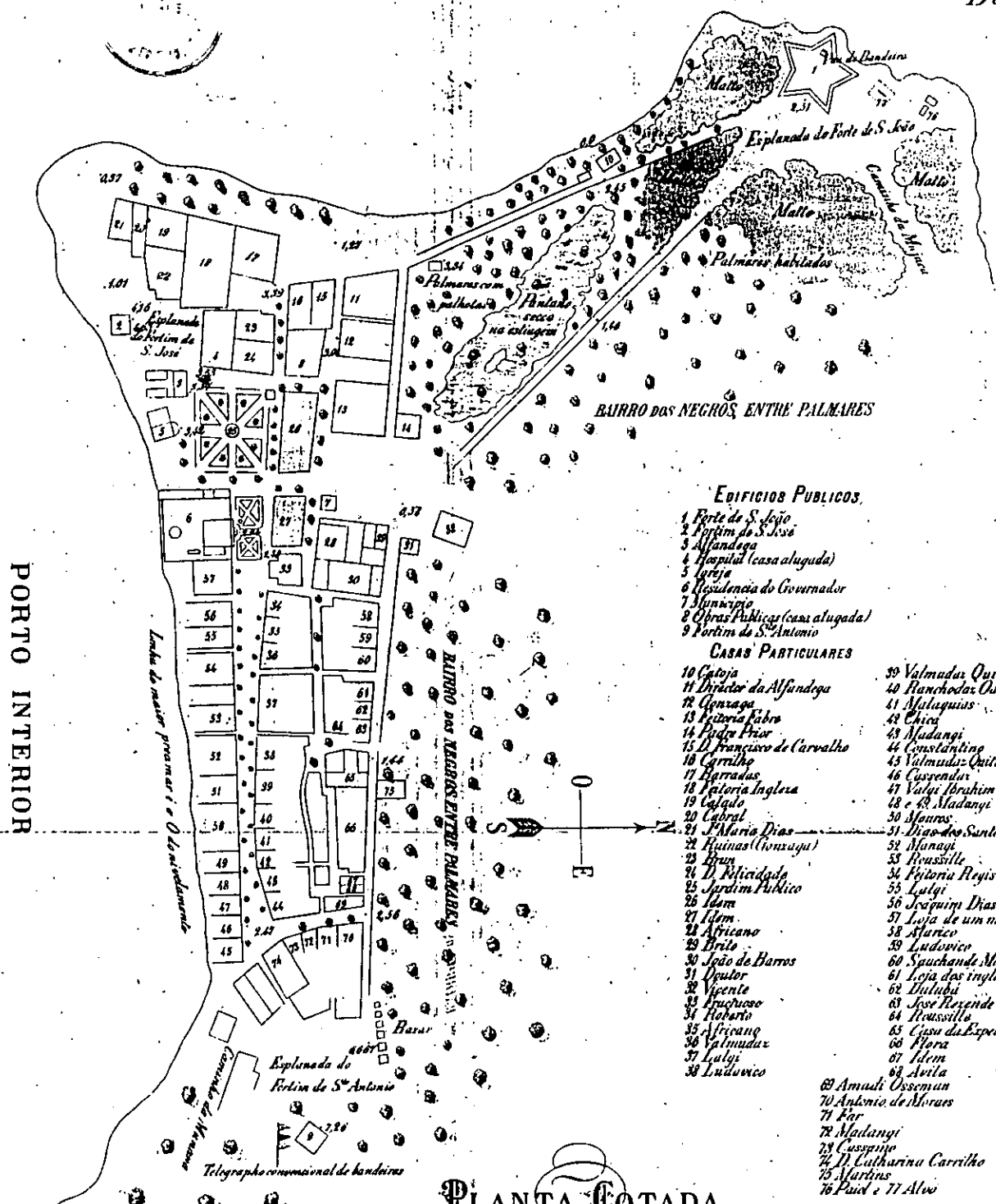


Fonte: Fotos de Eduardo Medeiros

4. Uma cerimonia muçulmana na Ilha do Ibo



Fonte: Fotos de DR: Rafael da Conceição



PORTO INTERIOR

**EDIFÍCIOS PÚBLICOS.**

- 1 Forte de S. José
- 2 Fortim de S. José
- 3 Alfandega
- 4 Hospital (casa alugada)
- 5 Igreja
- 6 Residência do Governador
- 7 Município
- 8 Obras Públicas (casa alugada)
- 9 Fortim de S. Antonio

**CASAS PARTICULARES**

- 10 Cateja
- 11 Director da Alfandega
- 12 Capanga
- 13 Fátima Fábri
- 14 Padre Prior
- 15 D. Francisco de Carvalho
- 16 Carmão
- 17 Barradas
- 18 Fátima Inglesa
- 19 Capelo
- 20 Cabral
- 21 Maria Dias
- 22 Aquinas (Gonzaga)
- 23 Brua
- 24 D. Reticidade
- 25 Jardim Publico
- 26 Alem
- 27 Alem
- 28 Africano
- 29 Brito
- 30 João de Barros
- 31 Agulor
- 32 Vicente
- 33 Francisco
- 34 Roberto
- 35 Africano
- 36 Valmudax
- 37 Lulgi
- 38 Ludovico
- 39 Valmudax Quilá
- 40 Planchoax Old
- 41 Malaquias
- 42 Chica
- 43 Madangi
- 44 Constantino
- 45 Valmudax Quilá
- 46 Caspender
- 47 Valgi Ibrahim
- 48 e 49 Madangi
- 50 Mouras
- 51 Digo dos Santos
- 52 Managi
- 53 Prussille
- 54 Fátima Regis
- 55 Lulgi
- 56 Jacuqui Dias
- 57 Loja de um moure
- 58 Afarico
- 59 Ludovico
- 60 Spachande Madangi
- 61 Loja dos Ingleses
- 62 Dulubi
- 63 José Rozende
- 64 Reussilla
- 65 Casa da Expedição
- 66 Florz
- 67 Alem
- 68 Avila
- 69 Amual Osseman
- 70 Antonio de Mouras
- 71 Far
- 72 Madangi
- 73 Caspender
- 74 M. Lutharina Carrilho
- 75 Martins
- 76 Paul e 77 Alvo

**PLANTA COTADA DA VILA DO IBO**

Comprehendendo apenas o bairro dos EUROPEUS

TRABALHO OFFERECIDO Ao Sr. P. F. d'O Perry da Camara GOVERNADOR DE CABO DELGADO

PELA EXPEDIÇÃO SCIENTIFICA PINHEIRO GAGAS MAIO DE 1883

Escala 0 20 40 60 80 e 100 metros  
Escala 1:2000  
Cotas de nivel em metros a tinta encarnada  
Coordenadas geographicas do pau de bandeira do Porto de S. João.  
Latitude 12° 21' 05" Sul  
Longitude 40° 41' 45" Este Greenwich  
Var. Magnetica 12° W.

Copia e redução por [Signature]